

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

• 202 CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

MARINA - Si você não vier buscar a sua encomenda até às nove horas da noite, eu mandarei levá-la aí.

CATARINA- (FILTRO) Você não pode me fazer isto, criatura.

MARINA - Não posso por que? Eu não quero mais esse trambolho dentro da minha casa. E aliás, se tivesse pensado melhor, não o teria aceito. Trate de vir buscá-lo, sinão já sabe o que faço.

CATARINA- (FILTRO) É a sua última palavra?

MARINA - Sim, é a minha última palavra.

CATARINA- Está muito bem. Eu vou aí, agora, para buscá-lo... mas você vai se arrepender, amargamente, do que está me fazendo!

MARINA - Ah e você ainda se acha com direito de me ameaçar? Por que vou me arrepender, diga?

CATARINA- (FILTRO) Na ocasião você ficará sabendo.

MARINA - Escute, Catarina, você está abusando de tudo, ouviu bem? Inclusive no tratamento que está me dispensando. Você sempre usou "senhora" quando se dirigia a mim; porque hoje está me tratando de você? Eu não lhe permito essa intimidade; ~~xxxxxx~~ está ouvindo?

CATARINA- (FILTRO) Eu sempre usei "senhora" indevidamente, porque senhora mesmo é aquela que se possa dizer que sempre se poz no devido lugar, em vez de andar correndo atrás de um homem casado.

MARINA - Catarina, você está começando a tirar-me da paciência.

CATARINA - (FILTRO) Estou começando? Pois a mim você já me tirou há muito tempo. E eu não estou aqui para bater boca com ninguém.

MARINA - Muito menos eu, fique sabendo.

CATARINA- (FILTRO) Quer dizer que então que se nega a guardar a minha encomenda até amanhã ao meio dia, ou à noite.

MARINA - Quantas vezes já lhe disse que me nego?

CATARINA - (FILTRO) Está bem, não se discute mais o assunto. Dentro de uma hora, no máximo, devo estar aí para buscá-lo.

MARINA - Pfeitamente. Eu vou ficar esperando.

CONTRA REGRA - COLOCAR TELEFONE NO GANCHO.

MARINA - Ora já se viu a desfaçatez dessa mulher?! E ainda ter a audácia de ameaçar-me! Isso foi o que eu achei pior de tudo. Mas si ela pensou em intimidar-me, com as suas ameaças, perdeu o seu tempo, porque se nunca tive medo de homem, não há de ser de uma mulher, igual a mim, que eu vou me assustar, agora. E ela que não venha buscar a criança para ver si eu não apareço lá com êle nos braços.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE EFEITO.

CLAUDIA - Seu Petrônio, eu tenho uma notícia muito desagradável para o senhor.

PETRONIO - De que se trata?

CLAUDIA - O delegado do segundo distrito pede o seu comparecimento ao gabinete de le, o mais cedo que lhe seja possível.

PETRONIO - O delegado? Mas por que?

CLAUDIA - O senhor não leu os jornais de ontem?

PETRONIO - Para lhe ser muito franco, os negócios não me deram tempo. Que aconteceu, senhorita Cláudia?

CLAUDIA - Seu filho foi raptado, durante a noite. ~~XXXXXXXXXX~~ (PAUSA) O senhor não se surpreende, nem se assusta?

PETRONIO - Por que? Sou obrigado a alguma das reações que sugeriu?

CLAUDIA - Não senhor... absolutamente... eu... eu não quis dizer isto... apenas me admirei que o senhor tivesse recebido, com tanta calma, uma notícia tão trágica...

PETRONIO - Você sabe, perfeitamente, que deixei de amá-lo há muito tempo.

CLAUDIA - Sim, sei, mas... de qualquer forma... um caso como esse... preocupa até aos estranhos.

PETRONIO - Mas eu não sou obrigado a revelar, nem mesmo à minha secretária, as minhas reações íntimas, sou?

CLAUDIA - Absolutamente. Mesmo porque eu nunca tive o hábito de intrometer-me na vida privada dos meus patrões. Se não fosse o recado do Delegado, nem tocaria no assunto ao Senhor.

PETRONIO - E que pretende o Delegado de mim? Que eu declare o que? A senhorita não lhe disse que eu estava viajando por causa dos meus negócios?

CLAUDIA - Disse, sim senhor. Ai êle perguntou quando o senhor deveria voltar e eu disse também.

PETRONIO - Mas então não posso saber o que pretendem de mim.

CLAUDIA - Naturalmente êle vai querer ouvir o que o senhor pensa a respeito.

PETRONIO - Eu não penso nada. Não tenho nada ^a ver com isto. Se aconteceu de

PATRONIO - (CONTINUAÇÃO) roubarém o menino, é porque a mãe não cuidou convenientemente.

CLAUDIA - Dizem todos que ela está desesperada. Que faz pena ver o seu estado.

PETRONIO - Acredito. O remorso, como dizem na gíria, não é mole, não.

CLAUDIA - O senhor vai agora na delegacia do distrito, ou vai chegar em casa primeiro?

PETRONIO - Em casa? Absolutamente. Não pretendo ir em casa tão cedo, porque a coisa que mais detesto, na vida, é ouvir choro de mulher.

CLAUDIA - Eu estou lhe fazendo estas perguntas, porque não demora muito o delegado está outra vez telefonando e eu preciso saber o que vou dizer a ele.

PETRONIO - Diga-lhe que acabei de chegar, fui ao Hotel tomar um banho e mudar a roupa e que, em seguida, estarei me dirigindo para lá.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL DE GRANDE EFEITO/.

LEILA - Acho que você deveria procurar sua madrastra, num momento destes.

RODRIGO - Eu também acho, mas vóvó tem verdadeiro desespero, só de se lembrar. Pede-me, por todos os santos, que não apareça lá.

LEILA - Compreendo perfeitamente o ponto de vista de sua avó: ela tem medo que seu pai possa chegar, na ocasião, e que as coisas se compliquem ainda mais.

RODRIGO - Exatamente.

LEILA - Mas de toda maneira, também não me parece justo que você lhe negue, num momento de angústia, como este, a sua palavra de conforto. Deixar de cumprir um dever por medo, ou comodidade, não me parece certo.

RODRIGO - Você tem toda razão, querida, toda a razão, mas vóvó fez-me prometer que não iria e eu, vendo-a tão aflita, acabei prometendo. Não posso, agora, faltar à palavra que lhe dei.

LEILA - É pena, Rodrigo. Eu gostaria muito que você fôsse. Digo-lhe mais: nem me importaria de ir com você, fazer-lhe uma visita, coitada!

RODRIGO - Bem, se você faz assim tanta questão que eu vá, falarei com Vóvó.

LEILA - Fale. Diga a ela que eu irei com você e que isto já diminuirá bastante a possibilidade de aumentar as complicações. Você vai ver como ela concordará.

RODRIGO - Deus permita, porque assim eu já não seria obrigado a contrariar um desejo seu.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

GATARINA - Estava com tanta pressa que eu viesse buscar a minha encomenda e demor

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) rou tanto ~~de~~ abrir a porta. Fui obrigada a bater tres vezes.

MARINA - Eu ouvi, mas ainda por causa do seu trambolho é que não fui abrir logo. Sabe o que estava fazendo? Dando mamadeira para ele. Se interrompo, ele abre uma goéla que Deus me livre. E eu tenho muita preocupação com as gritarias que ele faz, por causa dos vizinhos. Sabem que eu sou sósinha. Com toda certeza viram no jornal aquele escândalo todo sobre o rapto. Não é difícil alguém desconfiar, denunciar-me e a policia bater aqui.

CATARINA - Ora não seja tóla. Você está vendo fantasmas por toda parte. É a primeira a alardear que se dá muito bem com os vizinhos todos, que é amiga de todos, que todos a querem bem e agora vem com essa bobagem de que eles poderiam denunciá-la.

MARINA - Catarina, eu sempre fui mulher que esoutei, apenas, a vez do meu coração e ele, desta vez, não me pede que fique com o menino.

CATARINA - Mas olhe que desta vez o seu coração vai enganá-la, veja bem!

MARINA - Não vai, não. Meu coração sempre agiu acertadamente. E sabe por que? Porque nunca contrariou aos seus próprios impulsos.

CATARINA - Pois é, mas desta vez... Não sei, não... Acho que desta vez você vai se sair muito mal.

MARINA - É a segunda vez que você insinua qualquer coisa, pretendendo assustar-me. Por que não fala claro? Si pensa que as suas ameaças possam intimidar-me, está redondamente enganada. Eu não temo, ouviu bem? Eu não temo.

CATARINA - É um desafio?

MARINA - Não. É o desejo de deixar as coisas bem claras, para não haver lugar para resentimentos.

CATARINA - Quer dizer que você "não gosta das coisas confusas?"

MARINA - Não, não gosto.

CATARINA - Mas as coisas que aconselhou à dona Eugênia foram completamente diferentes das que combinamos e acabaram por fazer uma grande confusão no espírito da infeliz. Como pôde, depois disso, dizer que não gosta das coisas confusas? si é a primeira a fazer as confusões?

MARINA - As confusões que fiz foram mínimas, em relação à que você fez, agora, com esse rapto maluco, cujo resultado pratico eu ainda não atinei.

CATARINA - Se não atinou, não importa. Basta que eu tenha atinado. E em troca eu lhe digo que atinei perfeitamente com o seu plano. Afestar dona Eugênia para tomar o lugar dela, não é? Mas você não podia esperar que eu fizesse primeiro o serviço que me fora encomendado, para garantir o meu prê

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) mio e depois então afastar a sua rival e tomar-lhe o lugar? Não. Embora você tivesse compromisso comigo, mandou às favas a sua palavra, com a ideia de garantir-se mais depressa, não é? Pois então agora fique sabendo que justamente cometi o rapto, para impedir a viagem de dona Eugênia que deveria realizar-se amanhã.

MARINA - E si eu contasse essas coisas todas à polícia? Já pensou no que poderia lhe acontecer?

CATARINA - A mim, só, não. A mim e a você, porque não pense que você não está envolvida na brincadeira. Está enredada e tão bem enredada que, si eu abrisse a minha boca, não ia ser nada fácil você livrar-se de um sério castigo. Experimente e há de ver.

MARINA - É só você me incomodar um pouco mais que eu já não sei se poderei segurar-me. E por muito grande que possa ser o meu prejuízo, eu tenho certeza de que não será maior do que o seu.

CATARINA - Está bem, faça lá como lhe der na telha, mas depois não se queixe das consequências. E agora chega de conversas. Traga-me o menino que vou procurar um lugar seguro para deixá-lo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL VIBRANTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA INÍCIO DA 2ª PARTE.

DELEGADO - Não tem mais nada a declarar, senhor Petrónio?

PETRONIO - Absolutamente nada, senhor delegado. Tudo que tinha a dizer já foi dito, sem preâmbulos inúteis, sem considerações desnecessárias, sem termos empolados que sirvam de moldura às frases que ditei. O que aí ficou consignado é pura e exclusivamente a verdade nua.

DELEGADO - Eu desejava, ainda, fazer-lhe uma última pergunta: o senhor teria alguma vantagem si essa criança desaparecesse?

PETRONIO - Absolutamente. Que vantagem poderia ter? No entanto lembro ao senhor delegado de fazer essa mesma pergunta ao meu filho Rodrigo.

TÉCNICA - ACORDE MUSICAL DE SURPREZA.

DELEGADO - Ao seu filho Rodrigo? O da primeira esposa?

PETRONIO - Exatamente.

DELEGADO - Mas que tem ele a ver com o caso?

PETRONIO - Bem... quer dizer... a noiva andou brigando com ele, parece-me que por ciúmes da madrasta. Segundo ouvi dizer, ele achava o menino muito parecido com Rodrigo e embora pudessem alegar que são filhos do

PETRONIO - (CONTINUAÇÃO) mesmo pai a pareceça não se justifica porque Rodrigo é o retrato vivo da mãe.

DELEGADO - Essa já é uma questão muito mais delicada de se abordar, senhor Petrônio.

PETRONIO - Por que? No esclarecimento de um crime e para punir um culpado, todos os privilégios e melindres devem ser/ postos de lado. Eu estou lhe dando mais uma pista que tanto lhe pode levar ao nada como ao esclarecimento do ~~crime~~ fato.

DELEGADO - Está muito bem, senhor Petrônio, agradeço-lhe a manifesta intenção de nos ajudar e amanhã mesmo mandarei chamar o seu filho.

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL VIBRANTE.

BELMIRA - Eu ouvi a senhora dizendo para sua mãe que o seu Rodrigo foi chamado à polícia para prestar declarações?

LEILA - É verdade, Belmira. Ele não foi visitar a madrasta, com receio de se complicar e no entanto o pai, nas primeiras declarações que fez já traçou de envolvê-lo e sabe Deus de que forma.

BELMIRA - Coitado do seu Rodrigo, cruzes! Sai dum e entra na outra. (TOM) Ele ficou de telefonar para a senhora depois, dizendo o resultado do interrogatório, dona Leila?

LEILA - Ficou, Belmira, mas é cedo, ainda. Acho que agora é que ele deve estar indo para a delegacia do distrito.

BELMIRA - E sabe o que é que eu vou fazer para ajudá-lo?

LEILA - Não vai me dizer que é um despacho.

BELMIRA - Não dá mais tempo, mas vou acender, agora mesmo, uma vela para Santa Catarina, que é para afastar todos os inimigos do seu Rodrigo, durante o tempo que ele estiver sendo interrogado. A senhora vai ver como tudo vai correr bem.

LEILA - Então/ acende de uma vez, Belmira. Acende que não demora muito ele deve estar sendo interrogado.

BELMIRA - Vou acender, sim. E logo que ele tenha telefonado para a senhora, comunicando o resultado, não se esqueça de me avisar, sim?

LEILA - Não me esqueça, não. Podes ficar tranquila.

BELMIRA - Então vamos lá.

C/REGRA - PASSOS MAIS PESADOS QUE SE AFASTAM E SE SOMEM NA DISTÂNCIA.

LEILA - Que coisa boa uma fé robusta, como Belmira tem! Ela nos traz, sempre, a certeza do auxílio divino e a confiança na vitória! Quem me dera po

LEILA - (CONT.) der ser assim!... Quem me lera!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL APROPRIADA.

EUGENIA - (Chorosa) Eu não posso mais, Tereza. O coração cada vez me dói mais de tanta angústia. E toda a procura, até agora, resultou inútil.

TEREZA - Pois é, mas ninguém me tira da cabeça que isso foi trabalho do seu Petronio e dessa alma danada que anda aí.

EUGENIA - Petronio nem estava na cidade, Tereza e todas as investigações que a polícia fez em torno de Catarina, resultaram infrutíferas. Não podemos ir contra a lógica.

TEREZA - Que lógica, coisa nenhuma. Temos que ir pelas coisas que vemos e sentimos. Elas é que nos dizem tudo, não é a lógica.

EUGENIA - Temos que ir pelas provas que a polícia apresentar e que até agora ainda não foram apuradas.

TEREZA - O que eu não me conformo, dona Eugênia, é da senhora também acreditar na inocência de Catarina. Essa mulher não presta, escute o que eu digo.

EUGENIA - Pode não prestar, não vou discutir com você essa particularidade, mas, para mim, uma coisa está bem clara: o rapto foi praticado por pessoa muito hábil e muito acostumada a essas práticas. Basta dizer que fez o trabalho todo de luvas para não deixar qualquer impressão que fôsse. Catarina, sem o menor antecedente criminal e sem nenhuma prática, portanto, ia ter a ideia de botar luvas para abrir o trinco da porta sem deixar vestígios? Não creio, Tereza. Não posso crer.

TEREZA - Está bem, cada um escute a voz do seu coração, que é o melhor conselheiro que podemos ter, mas o meu, que até hoje não me enganou nenhuma vez, continua a me segredar, baixinho, que eu desconfie dessa mulher porque ela não é de confiança. Portanto a senhora vai desculpar a minha teimosia e por mais que eu deseje ser agradável à senhora, continuo pensando que Catarina tem culpa no cartório. Si não foi ela, pelo menos ajudou. E um dia a senhora ainda vai me dizer que eu tinha razão.

EUGENIA - Pobre do meu filho querido! A esperança que eu tenho é que me pegem um resgate por ele. Venderei as minhas joias... rasparei as minhas cadernetas dos bancos... as minhas toalhas de linho, a minha baixela de prata, e ao fim irei trabalhar para viver e sustentá-lo, contanto que possa reavê-lo. Desde ontem que não faço outra coisa senão rezar e pedir a Deus que venha essa carta de resgate.

TEREZA - Ela há de vir, com a graça de Deus, mas depois vamos botar sentido e a

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) senhora vai ver, como eu, alguém que hoje não tem onde ca
ir morta, de casa própria, ou apartamento e um belo automóvel.

EUGENIA - Não importa. Nada mais importa para mim, Tereza. Meu filho estando vivo
e ao meu lado, eu estarei feliz. Muito feliz!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL ADEQUADA

JUSSARA - (FILTRO) É dona Marina quem está falando?

MARINA - Sim. Por que?
(FILTRO)

JUSSARA - Eu quero lhe fazer um aviso.

MARINA - (ZANGADA) Si de parte de Catarina, não continue porque eu já enchi, está
ouvindo?

JUSSARA - (FILTRO) Não, não, não é de parte de Catarina, não senhora.

MARINA - Quem é que fala aí?

JUSSARA - (FILTRO) Não adianta eu lhe dizer o meu nome, porque a senhora não me co
nhece e ficaria tudo na mesma.

MARINA - (seca) O que é que você quer comigo, afinal?

JUSSARA - (FILTRO) Fazer-lhe um aviso que deve interessar-lhe muitíssimo porque êle
vem de parte do seu Petrônio.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO DE ALEGRIA.

MARINA - Como... como foi que a senhora disse? O aviso vem de parte...

JUSSARA - (FILTRO) De seu Petrônio, sim. ~~XXXXXXXX~~ Ele quer falar com a senhora.

TÉCNICA - REPETE A EXPLOÇÃO DE ALEGRIA, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ ANTERIOR.

MARINA - Petrônio... Petrônio quer falar comigo?!

JUSSARA - (FILTRO) Quer, sim senhora. Mas êle não deseja ser visto por ninguém da
vizinhança, entende?

MARINA - Sim, entendo. E o que é que êle quer que eu faça?

JUSSARA - (FILTRO) Que entre as duas e três horas da madrugada a senhora deixe a
porta encostada, para que êle não tenha que ficar parado na rua, batendo.

MARINA - (RADANTE) Está muito bem, está muito bem. Diga a êle que eu deixo, sim.

JUSSARA - (FILTRO) E a senhora já sabe, heim? Ninguém deve saber que êle esteve aí.
Portanto, pelo menos por ôra, a senhora não fale a pessoa alguma.

MARINA - (CONTENTE) Esteja tranquila. Eu não falarei... eu não falarei.

TÉCNICA - FONE DESLIGANDO DO OUTRO LADO DA LINHA.

C/REGRA - COLOCAR FONE NO GANCHO EM 18 PLANO.

MARINA - Meu Deus! Será possível que o meu sonho vá, finalmente, se realizar?!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

CATARINA - Você fez, direitinho, tudo que lhe recomendei, Jussara?

JUSSARA - Tudo. Acho que até repeti as mesmas palavras que a senhora me disse.

CATARINA - Se eu verificar que você trabalhou direitinho, vou lhe dar um presente que você vai gostar muito.

JUSSARA - Que é, dona Catarina? Posso saber?

CATARINA - O que é que você mais gosta?

JUSSARA - Dinheiro. Porque com ele eu compro tudo que desejar.

CATARINA - Muito bem, pois é dinheiro mesmo que você vai ganhar. E não é pouco, não.

JUSSARA - Que bom! Tomara que saia tudo certo.

CATARINA - Si ela acreditou, sairá, mas si ela desconfiou de alguma coisa... não sei. Ai a coisa já se tornará mais difícil.

JUSSARA - Eu acho que ela acreditou, sim. Acho, até, que ficou muito satisfeita.

CATARINA - Ah, se acreditou, tinha que ficar. Eu nunca vi uma paixão maior como a que ela tem pelo seu Petrônio. O homem casou a primeira vez, a mulher morreu, casou a segunda, separou-se e ela sempre firme, sem mudar de ideia. Isso ainda é amor do tempo de Romeu e Julieta. Nem se usa mais.

JUSSARA - É mesmo. Por isso eu que gosto de cinco e ainda não sei por qual me decidir.

CATARINA - É o caso de ver qual é o que lhe oferece maiores vantagens.

JUSSARA - Ah, isso eu não sei, porque ainda não falei com nenhum deles. Eles nem me conhecem, nem sabem que eu gosto deles.

CATARINA - Ora vá para o diabo, Jussara. Namorados desse jeito a gente pode ter quantos quizer.

JUSSARA - Pois é, por isso que eu tenho, porque olhar para mim, nenhum deles olha.

CATARINA - Bem, mas vamos ao que interessa. Então você fez tudo direitinho e acha que ela embarcou na canoa porque ficou feliz com o aviso?

JUSSARA - Felicíssima!

CATARINA - Bem, então vamos esperar a madrugada, porque é a única hora que eu posso agir, sem que a minha ausência seja notada em casa. E você já sabe, heim? Se bater com a língua nos dentes, seja para quem fôr, na primeira oportunidade que tiver, arranco-lhe a língua fora.

JUSSARA - Não tem perigo, dona Catarina, pode deixar. Eu não vou falar para ninguém.

CATARINA - Ela vai ~~me~~ pagar todas as ameaças que me fez e que eu sei que, de uma hora para outra, ela cumpre mesmo. Então, em vez de esperar o ataque, eu é que vou atacar!

TECNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA.

CATARINA - Então você fez tudo direitinho e acha que ela embarcou na canoa porque ficou feliz com o aviso?

JUSSARA - Felicíssima!

CATARINA - Bem, então vamos esperar a madrugada porque é a única hora que eu posso agir, sem que minha ausência seja notada em casa. E você já sabe, hein? Se bater com a língua nos dentes, seja para quem for, na primeira ~~oportunidade~~ oportunidade que eu tiver, arranco-lhe a língua fora.

JUSSARA - Não tem perigo, dona Catarina, pode deixar. Eu não vou falar para ninguém.

CATARINA - (SOTURNA) Ela vai pagar todas as ameaças que me fez e que eu sei que, de uma hora para outra, ela cumpre mesmo. Então... em vez de esperar o ataque, eu é que vou atacar!

JUSSARA - Ela não gosta da senhora, mesmo. Eu vi.

CATARINA - Por que? Ela te falou alguma coisa?

JUSSARA - Falou assim que se o aviso que eu ia dar a ela fosse de parte da senhora, que eu não continuasse porque ela já tinha enchido.

CATARINA - Ah é? Pois si ela está cheia, eu estou super-lotada. Escute: e quais são os comentários do rapto lá pela casa da velha?

JUSSARA - Ela parece que não se abalou muito, não. Pelo menos, eu só ouvi uma vez ela dizer ao neto que ele não devia ir lá na casa da madrasta, para não ser envolvido.

CATARINA - Pois sim! Que é que ela pensa do seu Petrônio? Que éle é algum bobalhão que vá deixar fugir uma oportunidade como esta de se vingar do filho? Nesta altura dos acontecimentos, Rodrigo já deve estar cercado por todos os lados.

JUSSARA - Escuta aqui, ^{dona} Catarina: e aquele negócio dele com a madrasta é verdade mesmo, ou é invencionice?

CATARINA - Não sei. Para falar a verdade, eu não boto a mão no fogo por ninguém. Ele é um rapagão e ela... é mulher. E mulher nós sabemos, por experiência própria, que é bicho danado. Não pode ver defunto sem chorar.

JUSSARA - Ah, isso não, porque tem muita mulher que não dá bola pra homem mesmo. Pode ver o defunto que não chora mesmo.

CATARINA - É, mas isso é uma, ou outra. A maioria chora.

JUSSARA - Que horas são, dona Catarina?

CATARINA - Quasi quatro horas.

JUSSARA - Nossa! Deixe-me ir embora, que estou quasi na hora de dar o café para a velha.

CATARINA - É, então vá de uma vez, que não demora ela acordar da sesta.

JUSSARA - Já por duas vezes ela acordou e eu não estava, mas depois eu menti que tinha ido no armazem e ela engoliu a pílula.

CATARINA - Pois é, mas não convem repetir muito a desculpa, sinão, de repente, ela pode desconfiar.

JUSSARA - É, sim. ~~Kkk~~ Vou fazer empenho de chegar antes que ela acorde. Tchau, dona Catarina.

CATARINA - Tchau, não. Até amanhã, porque acho que hoje não nos vemos mais.

JUSSARA - Posso sair por aqui?

CATARINA - Pode, elas não estão. Foram na delegacia e acho que não voltam tão cedo. Eu, pelo menos, fiquei lá, ontem, morando a tarde inteira. Elas falaram que eu demorei, tomara que hoje elas demorem muito mais.

JUSSARA - (AFASTANDO-SE) Qualquer coisa a senhora me telefona, está?

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM . PORTA QUE ABRE E FECHA AFASTADA.

CATARINA - Telefono, ou chego lá na esquina da casa e mando te chamar. (PAUSA)
Parece que esta, agora, aprendeu a trabalhar e já vai andando bem direitinho. Se continuar obediente, como até agora, vai ser uma ótima ~~kkkk~~ auxiliar.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

DELEGADO - O senhor tem certeza absoluta ^{de} que o desaparecimento do menino não viria lhe beneficiar em nada?

RODRIGO - Absolutissima. O senhor poderia me explicar que benefícios esse desaparecimento poderia me causar?

DELEGADO - Não é insinuação, mas existe um que é clarissimo e que lhe poderia proporcionar grandes vantagens: a herança de seu pai.

RODRIGO - (SECO) Não compreendo.

DELEGADO - Mas é tão claro, tão lógico, tão racional... O menino vivo, teria a metade da fortuna, o dia que ãle faltasse.

RODRIGO - Essa suspeita é tão baixa, tão mesquinha, tão sãrdida, que não me sinto atingido por ela.

DELEGADO - Eu falei que não era insinuação. Não esqueça.

RODRIGO - Compreendo... e senhor não falou, não pensou, apenas lembrou. Fez co

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) como aquelas pessoas que chegam de repente e dizem: eu não quero interromper, eu não vou interromper... mas interrompem.

DELEGADO- Ora vamos, senhor Rodrigo, o senhor precisa compreender o papel da polícia, para não se melindrar com perguntas praticamente de rotina. Afinal, a bomba veio para as nossas mãos e nós temos que nos desembaraçar dela, dêa em ~~quem~~ quem doer.

RODRIGO - Bem sei, mas o senhores não hão de querer que ela vá explodir justamente no lado oposto ao que foi colocada. Por que motivo os senhores se lembraram de mim, se há mais de um mês que não vou à casa de minha madrasta.

DELEGADO- Porque alguém nos falou que o senhor foi da absoluta intimidade dela.

RODRIGO- Acho que os senhores se excedem, quando dizem "da absoluta intimidade". Nunca fui senão um amigo cordial de minha madrasta e digo-lhes mais: um amigo até de uma certa cerimônia.

DELEGADO- Não são as informações que temos aqui. Nas nossas notas, consta que o senhor costumava ser recebido por ela em sua saleta particular que era conjugada com o quarto de vestir.

RODRIGO - Só uma vez isto aconteceu, pelo fato de estar ela indisposta e não ~~ix~~ querer deixar de me receber. E agora, pelo que os senhores acabaram de me dizer, já posso situar a origem das informações que aí estão. Foi meu próprio pai que, na ância de vingar-se de um crime que não cometi, pretendeu envolver-me nas malhas desse fato escabroso. Os senhores, sem poder imaginar o que meu pai já teve a coragem de fazer, acreditaram nele. Pois bem, senhores, meu pai está doente dos nervos. De outra maneira não seria admissível que imaginasse, de seu próprio filho, as baixezas todas que imaginou. Gostaria que os senhores conversassem com o antigo médico da família, doutor Cícero ^{de} Queiroz e ouvissem, dele, o diagnóstico que traçou sobre a doença do seu cliente Petrônio de Larrê.

DELEGADO- Já conversamos com êle porque, casualmente, na noite em que se deu o ~~ta~~ pto do ~~menino~~ menino, foi chamado pela bábá da criança para atender as pessoas narcotizadas. Ele nos falou algumas coisas com relação à separação do casal, mas não fez nenhuma referência ao estado de saúde do senhor Petrônio.

RODRIGO - Naturalmente porque não achou oportuno uma revelação dessa natureza, mas agora, sabendo que existe uma pessoas sofrendo pressão por suspeitas oriundas do seu estado de saúde, êle, até mesmo por um dever profissional, será obrigado a dizer-lhes o que pode constatar neste sentido.

DELEGADO - Pois muito bem, aqui ficam tomadas as suas declarações e o doutor...
doutor...

RODRIGO - Cícero de Queiroz.

DELEGADO - doutor Cícero de Queiroz será chamado para novas declarações.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL TENSA.

CATARINA - Deixe-me entrar e feche a porta. (PAUSA) Feche a porta, ande. Não ouviu?

C/RECRA - RUIDO DE PORTA QUE SE FECHA.

L.HENRIQUE - Mas quem é a senhora e o que quer em minha casa?

CATARINA - Venho da parte de seu Petrônio.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

CATARINA - Não me convida a sentar?

L.HENRIQUE - Sente-se. (PAUSA) Que quer seu Petrônio de mim?

CATARINA - Já vai saber, mas antes deve advertir-lhe que seu Petrônio é um homem muito generoso com aqueles que lhe prestam serviços e tremendamente orgulhoso para os que se ~~negam~~ negam a ajudá-lo. E, como já lhe disse, é de parte dele que venho. ~~XXXXXXXXXX~~

L.HENRIQUE - E que pode querer de mim um homem poderoso como seu Petrônio?

CATARINA - Ele está precisando muito do senhor.

L.HENRIQUE - Não pode ser. A senhora deve estar enganada.

CATARINA - Absolutamente. Esta criança que o senhor está vendo aqui, dormindo tranquilamente no meu colo, é filho do segundo matrimônio dele.

L.HENRIQUE - É o tal que dona Trabela me falou que ele cismou que não é filho dele?

CATARINA - Exatamente. Sabe por que esta criança está aqui?

L.HENRIQUE - Como posso saber?

CATARINA - Porque o pai deseja que o senhor o conserve escondido aqui na sua casa.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

CATARINA - Não é preciso esse cara de espanto tão grande. Ele não vai ficar aqui por toda a vida. Apenas ficará uns dias, para que ninguém suspeite onde ele está.

L.HENRIQUE - (ACORDANDO) Mas espere aí... Essa criança não é aquela do rapto que os jornais todos estão noticiando? Si é, não conte comigo, porque eu não fico com ela de maneira alguma. Quero lá encrencas com a polícia?

CATARINA - Pois justamente si não as quer é que deve ficar, porque a coisa mais simples do mundo é arranjar-se uma encrenca sua com os tiras.

L.HENRIQUE - Quer dizer, então, que a senhora não me traz um pedido para ficar com a criança, traz uma imposição?

CATARINA - Puxa que o senhor custa a entender as coisas, hein "doutor" Henrique?!

L.HENRIQUE - É que não estou acostumado a trabalhar dessa maneira. Sempre fui "consultado" antes de ser envolvido em qualquer trabalho; entende?

CATARINA - Pois então é bom que já vá se acostumando, porque o seu Petrônio não costuma "consultar" ninguém, quando quer qualquer coisa de alguém.

L.HENRIQUE - De formas que êle agora resolveu escolher-me para bábá de seu filho?

CATARINA - Ora vamos, por favor! Não exagere! Também não é tanto assim. Ele quer que o senhor hospede o menino por uns tres ou quatro dias, até o caso esfriar e ele poder transferi-lo para outra parte qualquer.

L.HENRIQUE - Si ele "quer" oque é que eu posso fazer? Mas e se a policia, por um desses azares da sorte, resolve dar uma batida na minha casa e encontra a criança? Com que cara eu vou ficar?

CATARINA - Com a mesma cara, porque o seu Petrônio não o abandonará de forma alguma.

L.HENRIQUE - Pode não me abandonar, mas até que o caso fique esclarecido quem gramar cadeia sou eu.

CATARINA - Mas tambem, si nada acontecer, ou mesmo que aconteça, depois do senhor cair, vai ficar com a sua vida arrumada e bem arrumada, pode estar certo. A criança fica, não fica?

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA PARA A SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO.

CATARINA - A criança ~~xxxx~~ fica, não fica?

L.HENRIQUE - Tem que ficar, não é? Mas agora tem uma coisa: eu não sei fazer ma madeiras, nem sei acalentar, quando êle chora.

CATARINA - A mamadeira é simples, eu lhe ensino em dez minutos. E quanto a acalentá-lo, não será preciso. Está vendo este vidrinho? É só dissolver a metade de um comprimido destes numa chícara de leite, que êle termina de mamar e já está dormindo. Quando chega a acordar, já está na hora de tomar a outra mamadeira e ~~xxxx~~ ^{repete-se} o mesmo processo. Ele fica sempre dormindo, não incomoda e não chama a atenção dos vizinhos, o que é muito importante.

L.HENRIQUE - Bem, então si é assim, menos mal.

CATARINA - Agora então eu vou deitá-lo neste sofá e depois nós vamos lá para a cosinha que eu vou ensinar ao senhor como se prepara a mamadeira de le.

TÉCNICA - CORTINA PARA TRANSIÇÃO DE CENA.

PETRONIO - Alguma novidade?

CLAUDIA - Telefonou uma senhora querendo falar com o senhor. Como eu lhe dissesse que o senhor não estava e talvez não voltasse aqui, mas apenas telefonasse, ela deixou comigo um recado, com mil e uma recomendações de não omitir nem esquecer uma só palavra.

PETRONIO - Que recado é esse?

CLAUDIA - Eu fico um tanto constrangida de dizer o que ela disse, mas sou obrigada.

PETRONIO - Diga, não tem ~~importância~~ importância.

CLAUDIA - Ela mandou dizer que o espera, conforme combinação anterior, entre uma e duas horas da madrugada e que a porta da rua estará apenas encostada. Mas que se por acaso o senhor não puder ir, por qualquer circunstância, que não a deixe esperando em vão e mande telefonar para a casa dela, avisando-a.

PETRONIO - Eu tenho a impressão que esse recado não é para mim, porque eu não combinei com ninguém semelhante coisa.

CLAUDIA - Mas o recado é para o senhor, sim. Eu tenho a certeza, porque ~~em~~ ela disse o seu nome por extenso: Petrônio Soares Larrê.

PETRONIO - E essa senhora, ou senhorita - sei lá - não disse o nome dela? Não deixou o telefone?

CLAUDIA - Disse, apenas, que era a Marina que estava falando. Número de telefone não deixou e eu não perguntei porque pensei que o senhor já soubesse.

PETRONIO - Não sei nem ~~quem~~ quem é essa tal Marina, quanto mais o telefone.

CLAUDIA - E agora como é que vamos fazer para avisá-la, se o senhor não puder ir?

PETRONIO - Deixe-a lá que espere em vão. Si é que realmente alguém vai me esperar, porque a verdade é que tudo isto está me parecendo uma brincadeira de muito mau gosto.

CLAUDIA - Eu também achei uma coisa muito exquisita, mas o meu dever era receber o recado e transmiti-lo.

PETRONIO - Naturalmente. E quanto ao outro caso, não apareceu nenhuma novidade? Catarina não me procurou?

CLAUDIA - Até agora, não. Pode ser que ainda telefone.

PETRONIO - É, pode ser... Eu estou estranhando muito o procedimento de Catarina, desta vez. Parece que está se esquivando de mim. (PAUSA E TOM) Tem alguma coisa que precise ser assinada hoje?

CLAUDIA - Estas duas cartas, apenas, que quando eu for para casa já deixo no correio afim de que elas apanhem a mala de amanhã às nove horas.

PETRONIO - (ASSINANDO) A da Companhia de Cimento... (PAUSA) está.

RODRIGO - (CONTINUAÇÃO) Eu não queria que esses desmandos de papai atingissem o afeto que nutro por êle e que, até hoje, apesar de todas as injustiças que me fez, continuava inalterado dentro do meu peito, mas agora, diante dessa segunda clamorosa injustiça, eu começo a sentir que os alicerces desse afeto foram abalados e que eu não consigo conter a obra de destruição que a minha profunda mágoa está procedendo.

ARABELA - Ele não sabe avaliar a nobreza de sentimentos que formam o seu caráter maravilhoso, meu filho.

RODRIGO - A primeira injustiça, talvez bem mais ignóbil e mesquinha do que esta agora, tem uma justificativa e a gente, então, pode compreendê-la. Ele, na fantasia do seu ciúme absurdo, via em mim o sedutor da sua esposa, o pai do filho que êle imaginava seu, o ^{traidor e} filhinho vingrato que destruía, implacavelmente, o lar e a felicidade do seu pai admirável. Era um drama fantástico, mas êle vivia aquele drama e, vivendo-o, sofria e odiava. Agora... depois de tanto tempo... eu não compreendo que as forças desse ódio permaneçam vivas, tão vivas, ao ponto de forçarem-no a uma injustiça tremenda e consciente.

ARABELA - Ele não podia ter feito isto, não podia. Mas eu vou mandar chamá-lo, vou conversar com êle a êste respeito e vou dizer-lhe uma coisa que êle ainda não se lembrou: Que você tem uma avó que se chama Arabela, a quem êle conhece bem, e de longa data e que portanto não a obrigue desensarilhar armas e lutar em defesa do neto único, a quem ela adora e por quem morrerá, se preciso fôr.

RODRIGO - (TERNO, BELJANDO-A) Vóvósinha querida! Como eu lamento esses aborrecimentos ~~que~~ que estou dando à senhora! Sempre pensei, quando menino, que um dia seria o elmo que a livraria de todos os grandes choques que a vida, implacável, reserva para todos nós. E justamente agora, quando deveria ampará-la, venho, como criança medrosa, abrigar-me em seu regaço. Mas eu não queria falar deste assunto à Leila e não tinha mais a quem recorrer. Perdê-me.

ARABELA - Se você soubesse como é duplamente gostoso às avós poderem servir aos netos depois que eles deixaram de ser crianças!... Só lamento que seja pela causa que é, mas disto você não tem a menor culpa. Por isso, em vez de me pedir desculpas, eu é que lhe deveria ainda agradecer esse prazer inefável que me concede de poder abrir os meus braços quasi trêmulos e apertar, entre êles, a sua linda cabeça, dizendo-lhe

ARABELLA - (CONTINUAÇÃO) palavras de consolo e de esperança! Por isso, meu filho querido, podes estar bem certo: eu te defenderei a qualquer preço!...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL ADEQUADA PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

TEREZA - (meia voz) Dona Eugênia... dona Eugênia... a senhora está dormindo?

EUGÊNIA - (acordando) (Assustada) Han? Que foi? Que aconteceu, Tereza?

TEREZA - (sempre meia voz) ~~XXXXXXXXXXXX~~ Fale baixo, e não acenda a luz.

EUGÊNIA - (meia voz, nervosa) Mas que houve, afinal? Por que tudo isto?

TEREZA - É que eu tive a impressão de ter escutado um ruído qualquer na porta da rua. Estava acordada, pensando e, de repente, aquele ruído do trinco, quando cede à pressão da chave.

EUGÊNIA - Que te parece que possa ser?

TEREZA - Eu posso lá saber?

EUGÊNIA - Talvez a mesma pessoa que entrou aqui com chave falsa, a primeira vez.

~~XXXXXXXXXXXX~~ Mas essa não poderá entrar, depois que se botou tranca na porta.

TEREZA - Não poderia, si não houvesse, aqui dentro, alguém capaz de tirar a tranca, depois de estarmos dormindo.

EUGÊNIA - O que?! Parece-te que Catarina teria coragem de fazer uma coisa destas?

TEREZA - Quem fez o que ela fez, tem coragem para muito mais.

EUGÊNIA - Mas não foi ela, Tereza, você está fazendo injustiça. Não houve uma prova contra a criatura e não sei se você reparou como ela, ultimamente, tem estado abatida. A gente tem que se curvar à evidência dos fatos.

TEREZA - Pois olhe, a mim não importa que não tenham havido provas contra ela. Meu coração continua a dizer que ela é a alma danada de tudo.

EUGÊNIA - O ruído parece que cessou completamente, não? Ou então nós, com a conversa, esquecemos de prestar atenção e não ouvimos mais.

TEREZA - Eu não deixei de prestar atenção, não senhora. Estava falando, mas estava com o sentido na porta.

EUGÊNIA - Você sabe que eu acho que nós devemos fazer luz e ir verificar? Afinal não podemos ficar o resto da noite nesta expectativa.

TEREZA - É talvez a senhora tenha razão. Acenda a luz, então.

C/REGRA - COMUTADOR DE LUZ. RUÍDO DE LEVANTAR EM DA CAMA DUAS PESSOAS. PASSOS SEMPRE EM 1º PLANO. DUAS BADALADAS ESPAÇADAS EM TORRE DE IGREJA, APASPADADA.

EUGÊNIA - Vamos diretamente à porta da rua que é mais próxima. Depois então verificamos a do fundo. Duas horas da madrugada. Acabou de bater na Igreja ~~XXXXXXXXXXXX~~ dos Capuchinhos. Custou-me tanto... (transição. Sustos) Tereza veja!... Que horror, meu Deus!...

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA DE ENCERRAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

22º CAPÍTULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA - C/REGRA - PASSOS DAS DUAS.

EUGENIA - (MEIA VOZ) Vamos diretamente à porta da rua que é a mais próxima. Depois então, verificamos a do fundo. (PAUSA LONGA)

C/REGRA - OS PASSOS CONTINUAM.

TÉCNICA - DUAS BADALADAS EM TORRE DE IGREJA, AFASTADA.

EUGENIA - Duas horas da madrugada! Acabou de bater na Igreja dos Capuchinhos. Custou-me tanto... (CORTA. SUSTO. TRANSIÇÃO) Tereza! Veja!

TÉCNICA - EXPLOSAO MUSICAL. MÚSICA DE MISTÉRIO FICA EM FUNDO

TEREZA - Veja o que, dona Eugênia? Que é que a senhora quer que eu veja, nesta quasi escuridão?

C/REGRA - RUIDO DE COMPUTADOR DE LUZ.

EUGENIA - Pronto, já fiz a luz. Veja, agora.

TEREZA - Santo Deus!...

TÉCNICA - SOBE UM MOMENTO A MUSICA EM FUNDO PARA ACOMPANHAR A EXPRESSÃO DE TEREZA.

TEREZA - Eu não lhe dizia?! Eu não lhe dizia?!... A porta está sem tranca.

EUGENIA - Vamos acordá-la. Ela vai ter que nos explicar a razão porque tirou a tranca desta porta.

TEREZA - Si chegarmos ao quarto dela. Si é que ela não botou algum homem para dentro com o encargo especial de me fazer calar a boca, ou à senhora.

EUGENIA - Que horror, Tereza, você está me assustando. Vamos lá.

C/REGRA - PASSOS DAS DUAS MULHERES, SEMPRE EM PRIMEIRO PLANO, ACOMPANHANDO AS FALA

TEREZA - Eu não estou assustando, estou alertando a senhora. Vamos lá, sim, mas pegue a tranca da porta, que eu me defenderei com esta estatueta de bronze. Tome lá.

EUGENIA - Eu ainda não quero fazer meu juízo, mas se chegar a falar com ela, se não me liquidarem antes, gostarei de ver a desculpa que me dará.

TEREZA - Não tem desculpa nenhuma. Desta vez ela está completamente desmascarada. E com que gosto eu vou prestar este depoimento na policia!

EUGENIA - Se não nos liquidarem antes. Também vou lhe dizer uma coisa: que me derubem com a primeira paulada ou que me acertem o primeiro tiro, porque sinão... Esta estatueta vai deixar em miséria a cara de quem fôr.

C/REGRA - CESSAM OS PASSOS.

EUGENIA - Vamos bater, ou entrar de surpresa?

TEREZA - Que bater, nada. A senhora abre o trinco, eu acendo a luz e vamos entrar

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) do sem cerimônia que é para não dar tempo a desculpas.

EUGENIA - Vamos combinar os movimentos. (PAUSA) Agora!

G/ REGRA - AO MESMO TEMPO QUE FAZ O RUÍDO DE ABRIR A CHAVE DA LUZ, FAZ TAMBÉM O RUÍDO DE ABRIR O TRINCO DE UMA PORTA QUE NÃO CEDE PORQUE ESTÁ FECHADA A CHAVE.

TEREZA - Acendi a luz do corredor.

EUGENIA - Mas a porta do quarto não abriu. Está fechada a chave. Será por dentro, ou por fora?

TEREZA - É fácil de ver. Deixe-me espiar no buraco da fechadura. (PAUSA) Não se pode ver nada. Parece-me que ela teve o cuidado de tapar o recorte da fechadura, por dentro.

EUGENIA - E agora? Que faremos?

TEREZA - Se a senhora me der licença, eu me atiro contra essa porta e garanto como ela cede. Ela não é forte.

EUGENIA - Parece-lhe que devemos fazer isto, Tereza? Eu não sei...estou tão nervosa que não consigo atinar com o que seja melhor fazer.

TEREZA - Vamos arrombar. Precisamos desmascarar essa mulher o quanto antes.

EUGENIA - Então espere, vamos dar o encontro juntas, porque assim o esforço não é tão grande para você. As duas neste lado aqui. (PAUSA) Agora!

G/REGRA - ENCONTRO FORTE CONTRA UMA PORTA QUE SE ABRE ESTRONDOSAMENTE.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL ACOMPANHA O RUÍDO DO ARROMBAMENTO. CESSA TUDO. SILÊNCIO ABSOLUTO. PAUSA MAIOR.

TEREZA - Está vendo? Si não está aqui no quarto... foi ela que saiu.

EUGENIA - Sim. Tens razão. E agora? Que fazemos?

TEREZA - É o caso de pensar. Agora eu também não sei o que será melhor fazer.

EUGENIA - Se avisássemos à polícia?

TEREZA - Não faço muita fé na polícia. Acho que o melhor de tudo seria apagar as luzes, esperarmos que ela voltasse e depois, conforme as coisas, si é que voltasse sózinha e não corressemos risco, então exigiríamos uma satisfação desse seu procedimento.

EUGENIA - Tereza! Será que ela não foi ver o menino onde ele está?

TEREZA - É uma ideia.

EUGENIA - E se nós deixássemos que ela voltasse sem dizer nada e na noite seguinte, quando ~~ela~~ saísse fossemos atrás dela para descobrir o paradeiro do menino? Ai então avisariamos à polícia imediatamente.

TEREZA - Também seria uma ideia, mas que não vamos poder realizar por causa da por

TEREZA - (CONTINUAÇÃO) porta que arrombamos. Para isto ela precisaria encontrar a porta fechada, como deixou.

EUGENIA - Tens razão, mas é uma pena porque me parece que seria a melhor ideia.
(PAUSA) Que faremos, então?

TEREZA - Antes de mais nada, vamos revistar o resto da casa, para ver se não tem ninguém escondido por aí. Depois, vamos pensar no que faremos. Talvez se possa prender novamente esse trinco, antes que ela regresses. Aí, então, fingiríamos que não nos apercebemos do seu afastamento.

EUGENIO - Isto mesmo. Vamos revistar então o resto da casa.

TÉCNICA - MUSICA DE GRANDE TENSÃO NERVOSA, PARA SEPARAÇÃO DA CENA.

MARINA - São quasi duas e meia da manhã e Petrônio até agora não me apareceu. Estou começando a desconfiar que foi uma brincadeira de mau gosto que fizeram comigo. (PAUSA) Quem sabe, também, se foi porque não deixei a porta encostada como êle pediu? Não deixei porque tenho medo. Sou uma mulher sósinha. Ele devia se lembrar disto. Mas a verdade é que fiquei esperando que o trinco mexesse, para abrir a chave e o trinco não mexeu nunca. Nunca, sim, porque eu fiquei todo o tempo atraz da porta, de pé e com todos os meus sentidos afiados. Chego a estar cansada que me dói o peito, quando respiro. (PAUSA) Agora vou esperar mais cinco minutos e quando baterem duas e meia, vou me deitar.

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA, DO LADO DE FORA.

MARINA - (susto) Han? Será possível? Até me parece mentira! Vou esperar uma segunda batida, para ter certeza de que não me enganei. (PAUSA) Todo o meu corpo treme, de emoção.

TÉCNICA - ENTRA MUSICA DE SUSPENSE QUE PERMANECE EM FUNDO ATÉ 2ª ORDEM.

C/REGRA - NOVAS BATIDAS DISCRETAS NA PORTA, DO LADO DE FORA.

MARINA - (ALVOROÇADA) É êle, sim. Tornou a bater. É êle!... Meu Deus que faço?! E se não fôr? Não posso continuar a fazê-lo esperar. Tenho que me decidir.

C/REGRA - NOVAS BATIDAS DISCRETAS DO LADO DE FORA DA PORTA.

MARINA - (VOZ ESCURA, NA FRESTA DA PORTA) É... é Petrônio.

CATARINA - (AFASTADA, TAMBEM NA FRESTA E DISPARÇANDO A VOZ, ENGROSSANDO-A) Sou eu, sim. Abra.

MARINA - Que bom! É êle! É êle!...

C/REGRA - RUIDO DE TORCER CHAVE E ABRIR PORTA.

MARINA - Entre, mas cuidado com o degrau. Eu não vou fazer luz para não chamar

MARINA - (CONTINUAÇÃO) atenção de quem passe na rua. Você demorou tanto...

CATARINA - (FALANDO EM SEGREDO, SEMPRE ENGROSSANDO A VOZ) Feche a porta e venha.

C/REGRA - PORTA QUE SE FECHA COM CUIDADO. RUÍDO DE CHAVE.

MARINA - Espere. Você pode tropeçar em alguma coisa no corredor. É melhor que eu faça a luz.

CATARINA- Não, não. Ainda não. (FALANDO SEMPRE EM SEGREDO E ENGROSSANDO A VOZ)

MARINA - Então espere. Deixe-me passar na frente que eu conduzo você.

C/REGRA - PASSOS DE DUAS PESSOAS QUE CAMINHAM SEM GRANDE RUÍDO.

MARINA - Não imagina como fiquei satisfeita, quando recebi o seu recado. Também, pudera! Há quantos anos o espero, meu Deus! Acho que até hoje não fiz ou tra coisa, na vida, senão viver em função dessa esperança. Vou lhe provar o que digo, mostrando-lhe o album que organizei, de todos os grandes ~~xxx~~ fatos de sua vida que o jornal noticiou. Pronto. Estamos na sala de jantar.

C/REGRA - CESSAMOS PASSOS.

MARINA - Agora ~~ainda~~ podemos fazer a luz.

C/REGRA - RUÍDO DE LIGAR CHAVE DE LUZ.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL ACOMPANHA O SUSTO DE MARINA.

MARINA - Como?!... Quem é você?!...

CATARINA- (falando naturalmente) Deixe-se de escândalos e fale baixo.

MARINA - Meu Deus!... Catarina... vestida de homem...

CATARINA- Eu, sim. Por que tamanho escândalo?

MARINA - Que quer você em minha casa a esta hora da noite?

CATARINA- Temos muito que conversar. Temos contas a ajustar; lembra-se?

MARINA - Que contas? Só porque eu não quizei ficar com a criança? Era um direito que me assistia.

CATARINA- E que continuará lhe assistindo, se você se resolver a denunciar-me.

MARINA - Eu não vou fazer isto. Não gosto de me meter em encrencas.

CATARINA- Pois não parece. Concordeu em trabalhar para mim e em menos de um mês acabou traíndo-me. E por que? Eu faltei, por acaso, ao que lhe havia prometido? Não. Estava agindo. Apenas a sua ância de donzela não lhe permitiu esperar o tempo necessário e achou melhor agir contra os meus interesses, pensando que obteria seu prêmio mais depressa, não foi?

MARINA - Catarina, procure compreender o que se passou comigo e veja...

CATARINA- (CORTA) Eu não posso compreender que alguém traia os seus compromissos, simplesmente por não ter paciência de esperar. Sempre achei que quando se empenha a palavra num negócio ~~sério~~ sério, como este, não se pode deixar de cumpri-

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) Ia, custe-nos ela, o sacrifício que nos custar. E como tenho a minha palavra empenhada com seu Petrónio, não posso deixar que a sua levandade me comprometa e eu seja obrigada, por sua culpa, a faltar com ele.

MARINA - (TEMEROSA) E o que vai fazer comigo?

CATARINA - A única coisa que posso fazer, para nos garantir: matá-la.

TÉCNICA - VERGASTADA FORTÍSSIMA DE SUSTO TREMENDO.

MARINA - (HUMILDE E ASSUSTADA) Mas e si eu lhe garantir que jamais abrirei minha boca contra você, mesmo que me queiram obrigar?

CATARINA - Você não tem qualidade para resistir a um assédio. Na primeira pressão que sofrer, fala mesmo. E a isto nós não podemos estar expostos. Nem eu, nem seu Petrónio. Portanto... (CORTA E MUDA RÁPIDA) Onde é que vai? Sente-se aí.

MARINA - Mas eu preciso ir ao banheiro.

CATARINA - Pode precisar, mas não vai.

C/REGRA - RUIDO DE BREVE LUTA? QUE LOGO SE INTENSIFICA.

MARINA - (forte) Largue-me. (TENTA GRITAR MAS ABAFAM-LHE A BOCA) Largue... (CORTA)

CATARINA - (TÉCNICA) Eu ia lhe dar uma morte mais suave. Trazia um veneno para voce beber. Mas já que me obriga a ser violenta... CATARINA COMEÇA A FA-LAR COMO QUEM ESTÁ FAZENDO FORÇA. MARINA COMEÇA A FAZER OS RUIDOS CARA-CTERÍSTICOS DE QUEM ESTÁ SENDO SUFOCADA.

C/REGRA - INTENSIFICA O RUIDO DE LUTA, SEM ALGAZARRA OU BARULHOS EXCESSIVOS (OS VISINHOS NÃO PODEM OUVIR). ~~MAXXX~~ HÁ UMA COISA DE VIDRO QUE CAI E QUEBRA, SEM GRANDE ESTARDALHAÇO. UM VASINHO, DIGAMOS.

CATARINA - Agora... vais ter o fim... que mereces. ... O fim... que deveriam ter... todos os traidores vis... Isso! Morre!... A tua voz... se calará... nes-sa garganta... para sempre... para sempre... Deixarás de ser... uma eterna ameaça... sobre as nossas cabeças!...

C/REHRA - CESSAM TODOS OS RUIDOS DE LUTA E ~~ASXX~~ O ARFAR ROUQUENHO DE MARINA.

CATARINA - Pronto. Está feito o trabalho. Esta não incomoda mais!

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FUNDE COM MUSICA PARA INTERVALO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA PARA A 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

L. HENRIQUE - Mas afinal para que desejou você vestir uma roupa minha e levar um par de luvas?

CATARINA - Para um servicinho todo especial que está pronto e ficou muito bem feito.

L.HENRIQUE - Admiro a sua corágem. Eu, como homem, não teria a metade e se tivesse já me daria por muito satisfeito.

CATARINA - É uma questão só de começar. Depois que a gente se mete numa enrrasçada, umas coisas vão arrastando^o outras e no fim, quando a gente percebe que se afundou demais e que está na iminência de cair nas malhas da polícia, faz qualquer negócio para se livrar. Você um dia vai ver como é certo o que estou lhe dizendo.

L.HENRIQUE - Não, não, não quero ver. Drixem-me na paz da minha vidinha.

CATARINA - Isso é uma ilusão que você não vai poder alimentar por muito tempo. Quando uma presa fácil, como você, cai nas mãos de pessoas ágeis e espertas, nem que ela queira livrar-se, depois, não consegue porque, sem sentir, está cercada por todos os lados e em uma porção de pequeninas culpas que fazem, no todo, uma culpa grande. Mas vamos deixar isso pra lá e me responda uma coisa: como é que está o menino?

L.HENRIQUE - Naquela mesma coisa de acordar, mamar e tornar a dormir, poucos momentos depois. Diga-me uma coisa: isso não será prejudicial à saúde dele?

CATARINA - Sei lá... talvez seja, mas que nos interessa a saúde dele? O que queremos é que não incomode, nem chame a atenção dos vizinhos com choradeiras.

L.HENRIQUE - Escute: e quando é que você vai levar essa criança? Eu preciso me movimentar, preciso sair, não posso ficar a vida inteira dentro de casa, servindo de ama-seca.

CATARINA - Não se apure. Eu já lhe disse que vou só aguardar uma ocasião para tirá-lo daqui, sem correr o risco de ser surpreendida.

L.HENRIQUE - (Zangado) Bem, mas afinal de contas não está certo o que estão fazendo comigo, dentro da minha própria...

CATARINA - (CORTANDO) Escute aqui, "doutor" Henrique: esse servicinho que acabei de fazer e para o qual usei as suas roupas, foi consequência de uma negativa de alguém em abrigar o menino na sua casa por alguns dias. Como me negava a sua cumplicidade e conhecia o meu segredo... não tive outro caminho a seguir.

L.HENRIQUE - (assombrado) Matou-a?

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL QUE REFLITA ASSOMBRO E MISTÉRIO.

CATARINA - É, claro! Tinha outra/ coisa a fazer, em vez disso? Não tinha. A negativa dela foi que me impeliu. Portanto a culpa cabe muito mais a ela mesma do que a mim.

L.HENRIQUE - A senhora é diabólica, cruzes! Onde foi que aprendeu isso tudo?

CATARINA - Nos fascículos policiais que lia sempre, quando mocinha. Era a leitura que mais me empolgava e muito me tem servido, agora.

L.HENRIQUE - Quer dizer, então, que eu não tenho outra alternativa? Colaboro... ou entrego o couro?

CATARINA - Exatamente. Eu não ia dizer a coisa assim, com tanta crueza, mas já que foi o senhor mesmo que disse... é a verdade. Ajuda ou morre.

L.HENRIQUE - Está bem, eu ajudo. De toda forma... acho que para morrer ainda é um pouco cedo.

TÉCNICA - UM RELÓGIO DE TORRE, DIFERENTE DO ANTERIOR, BATE QUATRO BADALADAS ESPACADAS, AFASTADO.

CATARINA - O que?! Quatro horas já?

L.HENRIQUE - Exato.

CATARINA - Então já não posso demorar mais. Tenho que voltar para casa, imediatamente, para não correr o risco de ser surpreendida.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

TEREZA - Quatro horas passadas e a mulhersinha até agora nada.

EUGENIA - Amanhã vamos estar as duas inutilizadas pelo cansaço de insônia.

TEREZA - Não faz mal. Se para descobrir onde está Luizinho eu tiver que passar mais três ou quatro noites como esta, ~~eu~~ garanto que as passarei de bom grado. Se a senhora está muito cansada, pode ir dormir que eu ficarei de guarda.

EUGENIA - Não, Tereza. Como é que eu poderia ir dormir numa circunstância destas? Não tenho o menor sono. Tenho é desejo ^{de que} as horas não se arrastem tão lentas, para que se aproxime mais depressa o instante em que me encontrarei com meu filho. Sim, Tereza, porque agora estou convencida de que ela está com o menino escondido, para fazer chantagem.

TEREZA - E por que já não fez, si era essa a sua ideia?

EUGENIA - Para deixar passar mais tempo e tornar-se menos ativa a vigilância da polícia. Será que ela não vai perceber que arrombamos a porta do seu quarto? Se perceber, o nosso plano estará frustrado.

TEREZA - Eu acredito que não. O trabalho ficou bem feito e além disto, temos, ainda, o recurso ~~que~~ de não lhe darmos tempo. Logo que ele tenha passado o corredor, fazemos luz no quarto e nos movimentamos naturalmente, para que ela seja obrigada a abrir o quarto no escuro e meter-se depressa na cama.

EUGENIA - Isto mesmo, Tereza. Você, sempre sôssa e moleirona, está ficando de uma esperteza que chega a assombrar a gente.

TEREZA - A dôr ensina a gemer, dona Eugênia. É a que estamos sofrendo hoje é tão aguda e tão forte, que vai ser muito difícil, de agora em diante, alguém nos atirar ao chão.

EUGENIA - Silêncio, Tereza. (BAIXO) Parece que ouvi alguém mexer no trinco da porta. Vamos ficar atentas.

C/REGRA - RUIDO DE TRINCO DE PORTA, BEM DISCRETO E AFASTADO.

EUGENIA - Ouviu?

TEREZA - (BAIXO) Ouvi, sim. Tem que ser ela.

C/REGRA - RINGIR DE TÁBOAS DE SOALHO COM O PESO DE UM CORPO QUE CAMINHA NAS PONTAS DOS PÉS. O RUIDO VEM VINDO DE LONGE, CHEGA A 2ª PLANO E VAI SE PERDENDO NA DISTÂNCIA, COMO SE ALGUÉM PASSASSE NO CORREDOR E SEGUISSE.

TEREZA - (BAIXO) Pronto, passou. Faço a luz, agora?

EUGENIA - (BAIXO) Faz que é pra ela ver que nos acordamos.

C/REGRA - RUIDO DE LIGAR CHAVE DE LUZ.

EUGENIA - (ALTO, PARA SER OUVIDA) Tereza! Tereza, acôrde! Você não ouviu ruído de passos no corredor?

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FUNDE COM MUSICA DE SEPARAÇÃO DE CENA. EM 2ª PLANO UM RELÓGIO BATE SETE BADALADAS ESPAÇADAS.

EUGENIA - Ela ainda não se movimentou?

TEREZA - Até agora nem sinal.

EUGENIA - Vamos deixar que ela durma e procurar não dar a mínima demonstração do que estamos desconfiando.

TEREZA - Vou ter que me conter muito porque, se falar, boto tudo a perder. Estou pedindo a Deus que ela não me provoque, como às vezes faz.

EUGENIA - Veja lá, Tereza. Tenha cuidado. Não vá apagar a última luzinha da nossa esperança.

TEREZA - Eu sei, dona Eugênia, eu sei. Mas fique descansada porque eu rezo e me contengo. Minha avó me ensinava de contar ~~xxxx~~ até dez, antes de dizer, ou fazer as coisas. Eu gosto mais de rezar do que de contar.

EUGENIA - Bem, Tereza, vamos tratar de tomar café e ouvir depois as histórias que ela vai nos contar dos sonhos que teve durante esta noite.

TEREZA - Ou então a mentira que vai nos pregar de que não pode dormir a noite toda, por causa de uma dor nos rins ou uma cólica de fígado.

EUGENIA - Mas não se esqueça, pelo amor de Deus! Nós vamos concordar com tudo e ainda receitar remédio para as suas dores, se fôr preciso.

TEREZA - É... tem que ser. Que remédio temos nós?

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA. FUNDE COM DEZ BADALADAS DE RELÓGIO AFASTADO.

CATARINA - Dona Eugênia, eu preciso falar urgentemente com a senhora, antes que Dona Tereza tenha regressado da farmácia. É um assunto muito sério e que eu não posso protelar.

EUGENIA - Que tem você, Catarina/? Parece tão nervosa...

CATARINA - (chorando, um choro fingido, mas que convença) E estou, realmente. Estou muito nervosa. E se a senhora não me ajudar... penso que estarei perdida. (SOLUÇA FORTE)

EUGENIA - (Já aflita) Mas que houve com você, criatura, fale!

CATARINA - Dona Eugênia, salve-me! Salve-me porque eu não mereço ser acusada de um crime que não cometi.

EUGENIA - Mas que crime, criatura? Você já não se livrou de todas as suspeitas no rapto de meu filho?

CATARINA - Mas agora, dificilmente poderei escapar de um outro crime ainda pior.

EUGENIA - Mas pelo amor de Deus, explique-se. Eu não estou entendendo nada.

CATARINA - Pois bem, eu vou contar tudo à senhora. Eu estava fazendo um trabalho para que seu filho fôsse encontrado. Quem me guiava na execução desse trabalho, era dona Marina. Ante-ontem falei com ela e ficou combinado que esta noite que passou eu iria, entre duas e quatro horas da madrugada, apanhar todas as oferendas que seriam postas no mar, antes do sol começar a clarear o dia. Fui. Sai de casa como uma fugitiva, uma ladra, na ponta dos pés e ganhei a rua. Lá estive, conversei com ela e depois fui à praia, onde joguei ao mar as oferendas. Regressei para casa e, da mesma maneira que saí, pé ante pé, ganhei meu quarto e me deitei, apressadamente, por sinal, pois parece que o meu retorno foi sentido e a luz do seu quarto se acendeu, antes que eu tivesse atingido o meu. Felizmente tudo se acomodou antes que eu tivesse sido surpreendida e pude dormir finalmente e descansar da vigília a que me obrigara espontaneamente, no desejo de poder restituir-lhe a sua alegria. Hoje, quando me acordei, já muito mais tarde do que de costume, ligando o rádio, ouço a notícia horrível de que dona Marina fora morta, por estrangulamento!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE E PROLONGADA, FICANDO VIBRANDO EM FUNDO.

CATARINA - Se dona Tereza, por acaso, presentiu que era eu que chegava da rua àquela hora, poderá denunciar-me na polícia e eu estarei perdida. (Chorando muito, desesperada) Salve-me, dona Eugênia, salve-me! Não deixe que eu seja acusada injustamente!... Não deixe!...

TÉCNICA - ENTRA FORTE COM MÚSICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

TÉCNICA - MÚSICA PARA INÍCIO DO CAPÍTULO

CATARINA - (CHORANDO COPIOSAMENTE) Hoje, quando me acordei, já muito mais tarde do que de costume, ligando o rádio, ouço a notícia horrível de que dona Marina fora morta por estrangulamento!

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE E PROLONGADA, QUE FICA VIRANDO EM FUNDO.

CATARINA - Se dona Tereza por acaso presentiu que era eu que chegava da rua àquela hora, poderá denunciar-me à polícia e eu estarei perdida! CHORANDO MUITO, DESESPERADA) Salve-me, dona Eugênia, salve-me! Não deixe que eu seja acusada injustamente!... Não deixe!...

EUGENIA - Mas criatura, pelo amor de Deus acalme-se! Quem é que está pensando em denunciá-la? Alguem falou nisto?

CATARINA - Eu sei que a senhora não me faria uma coisa destas, mas dona Tereza não gosta de mim e não perderá a oportunidade de me fazer mal. Por isso é que venho lhe pedir, ajoelhando-me aos seus pés...

EUGENIA - (CORTA) Vamos, Catarina, que é isto? Levante-se. Onde é que se viu semelhante coisa? Quem sou eu para que alguém se ajoelhe aos meus pés?

CATARINA - Não deixe que dona Tereza se vingue de mim, porque eu não mereço nenhuma vingança, nem da senhora e nem dela. Eu nunca fiz nada contra a senhora ou contra o menino, juro-lhe.

EUGENIA - Está bem, Catarina, se acalme. Eu vou conversar com Tereza e si ela tiver qualquer intenção de lhe fazer mal - o que eu não acredito - procurarei arrancar do seu pensamento qualquer gesto que possa prejudicá-la.

CATARINA - E eu lhe prometo, em troca, que hei de fazer tudo que estiver ao meu alcance para restituir-lhe o menino.

EUGENIA - Aceito a troca, Catarina. A vida do meu filho é preciosa para mim e a cada dia que passa eu me convengo que não saberei viver sem ele. Mas agora vá para o seu quarto e trate de repousar que é o que você está necessitando.

CATARINA - Eu vou, sim, dona Eugênia e que o bom Deus a abençoe pela sua bondade.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE PERDEM NA DISTÂNCIA.

EUGENIA - E agora?! Que devo pensar de tudo isto? Por isso que a gente nunca deve se deixar levar pelas aparências.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

ARABELA - Você leu os jornais da tarde, meu filho? Viu o que aconteceu com Marina? Estou nervosíssima. Já tomei dois calmantes, para me aquietar.

RODRIGO - E o pior é que a polícia, até agora, não descobriu a menor pista do crime. A não ser um lenço com as iniciais L.H., mas que, por ser muito velho e estar muito rasgado, talvez já não pertencesse mais ao seu verdadeiro dono.

ARABELA - Os vizinhos não sabem dizer nada e não ouviram o menor ruído, durante a noite. Apenas o guarda noturno do quarteirão divisou um homem batendo à porta dela, durante a noite e disse que, casualmente, pode ver quando ela abriu a porta e o homem entrou.

RODRIGO - Mas então deve ser um crime passional. É só o que se pode deduzir.

ARABELA - Qual o que, meu filho! Marina tinha muita vontade de casar, mas era uma moça honesta.

RODRIGO - É, pode ser que fôsse, mas o que está se vendo, através das declarações do guarda noturno, atestam o contrário. Ela costumava receber um homem, durante a noite, em sua casa. Se assim não fôsse, não lhe teria aberto a porta.

ARABELA - Ela me caçeteava muito com os seus arroubos de paixão, mas no fundo era uma boa camarada e eu gostava dela. Por sorte minha, ultimamente ela andava muito arredia daqui de casa, sinão eu poderia ter tido, ainda, um choque muito maior e até mesmo estar, sem querer, envolvida no crime.

RODRIGO - Ora, vóvó, isso seria irrisório!

ARABELA - Como é irrisório, também, pensarem que você possa ter tido parte no rapto de seu irmão; e no entanto pensam.

RODRIGO - Porque foi meu próprio pai quem levantou a lebre. Só por isso.

ARABELA - Aliás eu já mandei chamá-lo para falar-lhe sobre o assunto e ele não veio. Hoje vou tornar a telefonar para a secretária dele pedindo-lhe que venha.

RODRIGO - O Delegado parece que serenou um pouco a carga para o meu lado, depois que o doutor Cícero fez as suas declarações. Acho que eles se convenceram que o papai não está bem da cabeça, infelizmente.

ARABELA - O meu telefone está mudo, desde ontem à noite. Você quer me fazer o favor de falar com a secretária de seu pai, de qualquer telefôn~~o~~ público? Diga a ela que eu torno a mandar pedir que Petrônio venha falar comigo. E se for possível, que venha hoje, ~~xxxxxxxx~~ ainda.

RODRIGO - Está bem, vóvó, quando eu chegar ali no posto de gasolina, posso ligar para lá, mas tenho a impressão de que a esta hora da tarde já não tem mais ninguém no escritório.

ARABELA - Pois se não tiver, você amanhã, bem cedo, faça esse favor para mim.

RODRIGO - Favor, não, Vóvó. O que vou fazer não é favor. É obrigação.

ARABELA - Você vai, hoje à noite, conversar com sua noiva?

RODRIGO - Vou. Por isso vim até aqui, antes, para vê-la.

ARABELA - Pois então dê um abraço a ela que eu mando e diga-lhe que, quando quiser, venha conversar um pouco comigo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA TRANSIÇÃO

CLAUDIA - Bom dia, seu Petrônio. Veio cedo hoje. Que aconteceu?

PETRÔNIO - Tinha que escrever uma carta e no Hotel onde estou, estavam passando em ceradeira no quarto ao lado e eu tratei logo de me levantar e sair por que aquele gumbido me deixa muito mal disposto e irritado.

CLAUDIA - Foi bom o senhor ter vindo cedo porque já tenho aqui um chamado para o senhor.

PETRÔNIO - Chamado de quem?

CLAUDIA - De dona Arabela. Ela quer que o senhor vá hoje sem falta à casa dela, porque precisa falar com o senhor de um assunto urgente. Diz que já o chamou a primeira vez e o senhor não foi.

PETRÔNIO - Esqueci-me. Também... foram tantos os imprevistos durante a semana, que eu acabei por não me ~~lembrar~~ ^{lembrar} mais que ela me havia chamado. Mais tarde você telefone para ela e diga-lhe que na primeira hora da tarde irei à sua casa.

CLAUDIA - Sim, seu Petrônio. Aqui estão os jornais de hoje.

PETRÔNIO - Pode deixar aí. Agora não tenho tempo de os ler. Preciso aprontar uma carta para ser posta no Correio ainda antes do meio dia.

CLAUDIA - Então quando ela estiver pronta o senhor me avise que eu providenciarei na sua remessa. Com licença, seu Petrônio.

PETRÔNIO - Pode ir.

C/ REGRAS - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. ABERTURA DE PORTA EM 2º PLANO.

PETRÔNIO - (Antes que a porta se feche) Senhorita Claudia...

CLAUDIA - (de 2º Plano) Pronta seu Petrônio.

PETRÔNIO - Se vier alguém procurar-me, diga que não estou. Não quero interromper este meu trabalho que é muito importante.

CLAUDIA - (De 2º Plano) Sim senhor. Pode estar descansado.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

BELMIRA - Esse vestido ficou tão bem na senhora, dona Leila! Como o verde lhe assenta bem!

LEILA - Resolvi esperar o meu noivo, hoje, de vestido novo. Achas que ele vai gostar?

BELMIRA - É claro. Qual é o homem que não gosta de saber que uma mulher botou um vestido novo para esperá-lo?

LEILA - Deus permita que ele hoje venha com a alma mais desanuviada, porque últimamente tem sido um horror.

BELMIRA - É mesmo. O coitado tem tido uma marcação tão cerrada por parte do maluco do pai que a gente chega a ficar com raiva daquele maldito velho.

LEILA - Ele é um doente, Belmira. A gente deve ficar com pena e não raiva.

BELMIRA - Eu fico com pena, mas também fico com raiva, porque acho que o velho não é só maluco, não; acho que é semvergonha também.

C/REGRA - CAMPAINHA DE PORTA, AFASTADA.

LEILA - Olhe, aí está ele. Vá recebê-lo e mande-o entrar para cá.

BELMIRA - Não. Vou mandar entrar lá para a copa, para conversar comigo. (BRINCANDO

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 3º PLANO.

LEILA - Pode ser que hoje Rodrigo, vendo-me assim preparada, me convide para irmos a um cinema. Faz tanto tempo que não saímos juntos... Também... com as complicações que tínhamos nas nossas costas, lá poderíamos achar graça em cinema? Ia ser só para gastar dinheiro, porque não estávamos em situação de apreciar o filme.

C/REGRA - PASSOS QUE SE APROXIMAM. PASSOS DE HOMEM.

BELMIRA - (EM 2º PLANO) Eu estava esperando que o senhor chegasse para servir o cafésinho de dona Leila. Assim já trago dois e o senhor faz companhia a ela.

RODRIGO - (TAMBEM EM 2º PLANO) Obrigado, Belmira. Um cafésinho, agora, vem bem.

C/REGRA - AO MESMO TEMPO QUE PASSOS DE MULHER SE PERDEM OS PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM PARA 1º PLANO. PARAM.

RODRIGO - Querida, como vai? (BEIJO) Upa!... Como está ~~manix~~ elegante! Que vestido bonito você me arranjou!

LEILA - Gostou, meu amor?

RODRIGO - Muitíssimo. Além de ser uma das cores que prefiro, vai muito bem em você.

LEILA - Sente-se. Você, hoje, parece que vem com a alma mais leve.

RODRIGO - De fato. Tive um novo interrogatório com o Delegado esta tarde, mas senti que o prestígio de papai, junto a ele, começa a ficar seriamente abalado.

LEILA - Também... o que nós temos rezado aqui em casa... As novenas que Belmira tem feito... A última foi para Santo Antonio. Fez até promessa de acompanhar uma procissão descalça.

RODRIGO - Coitada! Belmira é nossa amiga, de verdade. Pena é que sua mãe não tenha, de mim, a mesma impressão que ela.

LEILA - Eu já expliquei a você as razões de mamãe. Temos que respeitá-las. Se tu do, ao final, ficar suficientemente aclarado, ela acabará por ser muito mais sua amiga do que você imagina.

RODRIGO - Queira Deus que assim seja!...

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL AMOROSA E TERNA.

ARABELA - (MEIO QUEIMADA) Ora até que enfim o senhor meu genro se dignou ^{com} atender a um pedido que há mais de tres ou quatro dias eu venho mandando fazer!

PETRONIO - A senhora sabe como seu ocupado.

ARABELA - Porque se ocupa demais com coisas que não deve.

PETRONIO - Ora esta! A trôco de que êsse seu destempero?

ARABELA - Não se faça de bobo que você sabe muito bem.

PETRONIO - Estará, acaso, aborrecida porque toquei no seu "quindim"?

ARABELA - Aborrecida não é bem o termo. Estou indignada! Furiosa! E você, agora, vai ouvir poucas e boas!...

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

PETRONIO - Estará, acaso, aborrecida porque toquei no seu "quindim"?

ARABELA - Aborrecida não é bem o termo. Estou indignada! Furiosa! E você, agora, vai ouvir poucas e boas!

PETRONIO - Pois não, minha sogra. Pode dizer o que quiser.

ARABELA - Até agora eu perdooi o que você fez a seu filho, porque a sua convicção era de que êle havia sido canalha com você e você se acreditava no direito de ~~minha~~ desprezá-lo e de atingi-lo com o seu ódio. Mas o que você fez agora, envolvendo seu filho no rapto de Luizinho, sabendo que êle não teve a menor interferência no fato e puramente por má-fé, isso não tem perdão de minha parte, Petronio. Um homem que pensa exercer uma vingança justa é uma coisa. O que sabe que está praticando uma injustiça é outra, muito diferente. Por isso mandei chamá-lo para exigir de você que retire todas as coisas que disse à polícia, com a intenção de complicar Rodrigo.

PETRONIO - Eu, desdizer-me? Retirar o que já disse no distrito? Nunca. Nem a senhora e nem ninguém será capaz de conseguir que eu faça uma coisa dessas.

ARABELA - Pois bem, então eu vou lhe dizer uma coisa.

PETRONIO - Pode dizer.

ARABELA - De hoje em diante não quero mais a sua amizade e passarei a ser sua inimiga.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE.

PETRONIO - Não acredito que esteja falando sério.

ARABELA - Estou. Disse e repito: de hoje em diante não quero mais sua amizade e passarei a ser sua inimiga.

PETRONIO - A senhora está exagerando as coisas.

ARABELA - Eu não. Se alguém exagera é você, criando fantasmas onde apenas existem criaturas normais. Por que não procura encarar as coisas como elas são realmente? Por que, em vez de alimentar a fogueira do ódio em que se queima, não procura abafá-lo em seu ~~coração~~ ^{peito, deixando que nele se desenvol} ~~peito, deixando que nele se desenvol~~ vem as flores maravilhosas do perdão e do amor?

PETRONIO - Eu não sei perdoar, só sei odiar.

ARABELA - E não saberá, também, fazer justiça? É claro que não sabe. Você que pa-recia um homem tão nobre e tão digno, não passa de um tipo vulgar e mes-quinho.

PETRONIO - (QUEIMANDO-SE) Veja lá como fala, senhora minha sogra. Saiba que eu não estou disposto a aturar suas impertinências.

ARABELA - E a mim que me importa? Vulgar e mesquinho, sim. E ingrato também. Por que um homem que teve a felicidade de receber de Deus o régio presente de um filho como Rodrigo, nobre, amoroso e digno e faz a injustiça de acreditá-lo um canalha, esse homem não merece, em verdade, mais nenhuma graça do céu. Que adianta recebê-las, se não sabe apreciá-las? Então que rasteje o resto de sua vida na lamaceira pádre do rancor e da descrença, entre gritos de revolta, clamores e imprecções!

PETRONIO - Minha sogra, basta! Não ouvirei mais uma só das suas ofensas! Retiro-me e será inútil voltar a mandar chamar-me, porque não pisarei mais em sua casa. Esta foi a última vez que vim aqui.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM, PISANDO FIRME. PORTA QUE ABRE EM 2º PLANO

ARABELA - Esteja descansado porque esta foi, também, a última vez que o chamei. Mas pode estar bem certo de que lhe digo: Deus não gosta de injustiças e você ainda virá, um dia, bater à minha porta, para suplicar o meu auxí-lio. Será o dia em que o remorso começar a arder em seu coração!

C/REGRA - PORTA QUE BATE FORTE EM 2º PLANO.

TÉCNICA - EXPLOSOÃO MUSICAL EM CIMA DA BATIDA, FUNDE COM MÚSICA PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

TEREZA - A senhora é uma criatura muito crédula, dona Eugênia. Como é que pode acreditar nas mentiras todas que essa mulher lhe disse?

EUGENIA - Você é que é uma pessoa muito desconfiada. Se visse o seu desespero! Como as lágrimas brotavam de seus olhos em fieiras intermináveis! Não se pode fingir um pranto como aquele, Tereza. Não se pode.

TEREZA - Os crocodilos também choram e no entanto as suas lágrimas não têm a menor significação.

EUGENIA - Você está descrente de mais, Tereza. Que necessidade tinha ela de me contar tudo que fez durante a noite, se nem sequer imaginava que havíamos dado falta da sua presença dentro de casa?

TEREZA - Não sei, não. O que sei é que, pela minha vontade, teria falado tudo à polícia e ela que fosse esclarecer lá os porquês.

EUGENIA - Mas você não pode fazer isto, principalmente sabendo, como já sabe agora, que poderá prejudicá-la injustamente.

TEREZA - Esse negócio de injustamente eu não acredito, dona Eugênia. E quer que eu lhe diga mais? Na minha opinião quem enganou a pobre da moça, lá, foi ela mesma e depois chorou porque se arrependeu.

EUGENIA - Não repita isso a ninguém, Tereza. Você pode estar fazendo uma grande injustiça e Deus não gosta. É preferível que pequemos pela intenção de ajudar, do que pelo prazer de castigar. Você já foi à igreja, hoje?

TEREZA - Inda não senhora. Por que?

EUGENIA - Porque quando for, eu a aconselho a confessar-se ao Padre Crispim e eu vir, com toda atenção, o que êle pensa a respeito deste assunto.

~~TEREZA~~
TEREZA - O Padre Crispim é outro como a senhora: convence-se atôa. Basta a pessoa fingir-se arrependida, que êle já está dando absolvição para os pecados. Não conhece bem as maldades do mundo e pensa que todos são anjinhos, como êle. Mal sabe que há demônios que também têm azas.

EUGENIA - Tereza, você está como a mãe daquele soldado que o via marchar desentoadado de todo o resto do batalhão e ainda dizia sorrindo: "Viram? O meu filho é o único que vai de passo certo." Mas nós não podemos ser assim. Isso é teimosia. Temos que pensar, sempre, que a maioria vence.

TEREZA - Está bem, dona Eugênia, eu me dou por vencida, e se a senhora não quer que eu fale a ninguém do que desconfio, eu não falarei, mas reservo-me o direito de continuar a pensar que quem está certa sou eu.

TECNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

DELEGADO - Aquele caso de estrangulamento de ante-ontem está duro de reer. Até ago

DELEGADO - (CONTINUAÇÃO) agora não se encontrou mais nada que possa servir de pista a não ser aquele lenço velho de cambraia, todo esgarçado e com as iniciais L.H.

TIRA - Ainda não vi esse tal lenço. Que é feito dele?

DELEGADO - Anda aí, de mão em mão, para ver si é possível localizar a loja onde foi comprado. Cada dia vai ser percorrida uma zona, até que se tenha percorrido a cidade inteira.

TIRA - E o senhor acha que isso adianta, seu delega?

DELEGADO - Não sei... pode ser... De qualquer forma tem que se fazer alguma coisa, não é? Então se fazemos isto, já não podem dizer que não fazemos nada.

TIRA - Quer dizer que quando esse treco cair na minha mão eu também vou ter que dar uma voltinha com ele?

DELEGADO - É claro. Ou você pretende ser melhor do que os outros?

TIRA - Que é isso, seu Delega... quem sou eu? Só que me parece que era mais legal pegar um guia de telefone, ver todos os nomes que começassem com L. H. e depois de fazer uma lista deles, sair a procurar cada um.

DELEGADO - Não deixa de ser uma ideia. Sabe que eu não me lembrei disto?

TIRA - Mas o papai aqui não dorme de touca. Com ele não tem de deixar pra lá. Vai no ponto que tem que ser e larga a investiga.

DELEGADO - Hoje mandei procurar o tal guarda noturno que disse ter visto o homem bater e entrar na casa da senhora, para que ele nos dê um retrato falado do referido homem. Isso também ajuda.

TIRA - Não acredito muito. Ele pode dizer se o cara era alto, baixo ou médio, mas existem tantos homens altos, baixos e médios por aí, que botar o dedo justamente no culpado, só com essas dicas, não é sopa, não.

DELEGADO - Quando não se tem nenhuma pista segura, qualquer pequeno detalhe pode servir de ponto de partida. Aprenda isto, você que é mais novo do que eu, e pretende fazer carreira nesta vida ingrata.

TIRA - Está certo. Não esquecerei o que o senhor me disse agora. E já que está tão interessado nesse caso, eu vou me interessar também. Quer distribuir o lenço pra mim, amanhã?

DELEGADO - Se você tem realmente vontade de tomar conta do caso, já baixe a ordem de serviço hoje.

TIRA - Pois eu topo, seu delega. Pode baixar que amanhã eu já começo o dia no brinquedo.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

PETRONIO - Por que essa cara de susto? Pensa que sou bandido? Que vim aqui para matá-lo? Sente-se, vamos conversar. E finja, ao menos, um sorriso amável, que diabo?!

L.HENRIQUE - O senhor... o senhor deve concordar... em que eu esteja muito surpreendido com essa sua visita inesperada...

PETRONIO - Surpreendido, vá lá. Admito. Mas assustado, por que? O senhor tem se portado muito bem comigo, até agora, portanto só tenho razões para ser seu amigo. Não pretendo fazer-lhe nenhum mal.

L.HENRIQUE - Antes assim... Fico muito satisfeito em ouvi-lo... Afinal... como já tive ocasião de lhe dizer, certa vez... eu sou um homem pacífico... tenho horror de brigas... de confusões... enfim... quero viver minha vida sem aborrecimentos, entende?

PETRONIO - Perfeitamente. E há alguma coisa, de momento, que esteja alterando esse ritmo de vida que é o da sua preferência?

L.HENRIQUE - Bem... quer dizer... haver, há, mas...

CATARINA - (VOZ DE SOPRO) Se você disser a alguém que lhe entreguei essa criança, vai arriscar o seu pelo.

L.HENRIQUE - Não é bem isso, eu... Eu não podia negar nada a dona Arabela, entende? Por essa razão sugitei-me a representar o papel de médico...

PETRONIO - Não, não, não é bem isso. O senhor já desviou o curso do seu pensamento. Ia dizer outra coisa e arrependeu-se.

L.HENRIQUE - Não, não... não é isso, que esperança... O senhor está enganado...

PETRONIO - Enganado seria eu, pelo senhor, se acreditasse nas suas palavras. Vamos, qual é o motivo que, no momento, o impede de levar a vida de seu agrado?

L.HENRIQUE - Eu já disse...

PETRONIO - Não, o senhor não disse. O senhor mentiu. Eu quero saber o motivo verdadeiro. Responda. (PAUSA. SEVERO) Não ouviu o que eu lhe disse "doutor" Luiz Henrique? Qual o motivo verdadeiro. Responda.

TÉCNICA - ENTRA COM CHORO BRANDO DE CRIANÇA DE 1 ANO EM SEGUNDO OU TERCEIRO PLANO.

PETRONIO - Já ouvi. ^{Já sei.} Não precisa mais responder.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL FUNDILDO COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

• 24ª CAPITULO

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

PETRONIO - Qual é o motivo que, no momento, o impede de levar a vida de seu agrado?

L.HENRIQUE - Eu... eu já disse...

PETRONIO - Não, o senhor não disse. O senhor mentiu. Eu quero saber o motivo verdadeiro. Responda. (PAUSA. SEVERO.) Não ouviu o que eu lhe disse, "doutor" Luiz Henrique? Qual o motivo verdadeiro? Responda.

TÉCNICA - ENTRA COM CHORO BRANDO DE CRIANÇA DE 1 ANO, EM SEGUNDO OU TERCEIRO PLANO. O CHORO PERMANECE AFASTADO ATÉ SEGUNDA ORDEM.

PETRONIO - Já ouvi. Já sei. Não preciso mais responder.

TÉCNICA - VEGASTADA MUSICAL FORTE.

L.HENRIQUE - Bem, eu... eu não queria lhe dizer, porque... porque dona Catarina me fez tantas recomendações... Proibiu-me de falar "a quem quer que fosse". Si bem... que eu estava pensando que o senhor soubesse.

PETRONIO - Porque ela falou no meu nome, não é? Porque, com toda certeza, disse ao senhor que "eu" mandara a criança para ficar aqui, não foi?

L.HENRIQUE - Foi, sim senhor e eu... eu estava na luta, porque não sabia se o senhor queria realmente saber, ou... ou se estava apenas me experimentando, entende? O senhor... o senhor quer ver a criança?

PETRONIO - Não. Amei-a profundamente, com todas as forças do meu ser, enquanto imaginava que fôsse meu filho, produto de um amor sublime e verdadeiro. Depois... veio a desilusão e a certeza de ser traído e então... todo o meu amor se transformou em ódio. Sinto asco...repulsa... ódio por essa criança. Um ódio que há de marcar, com letras de fogo, a carne dos seus verdadeiros pais. hei de persegui-los pelo resto de suas vidas, enquanto me restar um sopro de energia. E ainda, na hora de minha morte, se estiverem vivos, quero ter forças para amaldiçoá-los.

L.HENRIQUE - (ASSUSTADO) Deus de misericórdia! Nunca vi alguém odiar com tanta intensidade! (TOM) Mas a criança continua chorando. O senhor me permite atendê-la, num instante? Basta dar-lhe uns goles de leite com remédio e ele ficará quietinho.

PETRONIO - Vá e vá de uma vez, porque ~~eu~~ não quero manchar as minhas mãos de sangue e esse choro já está me levando quasi à exasperação. Eu posso perder o controle e não devo.

L.HENRIQUE - Sim senhor... com licença...

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM ATÉ O PLANO DA VOZ DA CRIANÇA E PARAM.

PETRONIO - Por que razão Catarina estará tentando esconder de mim que foi ela a raptora da criança? Estará pretendendo fazer chantagem com Eugênia? Sim, deve ser isto. Só pode ser isto. Mas desta vez os seus planos se não frustrados, porque o meu interesse é que essa criança desapareça para sempre e não que volte aos braços da mãe.

TECNICA - SUSPENDE O CHORO DA CRIANÇA EM FUNDO

PETRONIO - Esse homem é covarde demais para se animar a matar alguém, mesmo quando esse alguém seja um menino de um ano. Em todo caso, não custa tentar. Si de todo êle não se animar, nem mesmo por meio de um veneno, resta, ainda uma outra proposta que poderei fazer-lhe. O essencial para mim, agora, é tirar esse menino do comando de Catarina, a fim de que ele não volte ao seio da mãe e ela sofra pela sua ausência.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE VOITAM DO 3º AO 1º PLANO E PARAM.

L.HENRIQUE - Pronto. Ele se acomoda, depressa. Passa o dia inteiro nessa sonolência, sem incomodar. Eu até já estou começando a me afeiçoar a êle. Tinha até vontade de consultar um médico, para saber si essas doses repetidas de calmante não irão prejudicar a criança.

PETRONIO - Mas o senhor não pode fazer isto. Seria uma pista para que a policia o descobrisse, Catarina não perderia a oportunidade de jogar toda a responsabilidade sobre os seus ombros e o senhor iria terminar seus dias numa penitenciária.

TECNICA - VERGASTADA MUSICAL FININHA, COMO UM ARREPIO.

L.HENRIQUE - Deus me livre e guarde! Nem me fale numa coisa destas, por favor!

PETRONIO - Pois é, mas com essa criança aqui, tão perto, não seria muito difícil de acontecer uma coisa destas. O melhor de tudo seria o senhor livrar-se dela.

L.HENRIQUE - Mas livrar-me como, se dona Catarina impõe que eu a conserve comigo? Inda ontem esteve aqui e, usando o seu nome, ameaçou-me de morte si eu me negasse a atender as suas exigências.

PETRONIO - Eu o ajudarei a livrar-se dela. Quer?

L.HENRIQUE - Veja lá, senhor Petronio. Ela me ameaçou de morte e eu sei que mata mesmo. Dona Catarina é uma mulher fria, calculada e implacável.

PETRONIO - E burra, também, porque se trabalhasse para mim, lealmente, ganharia muito mais do que pensa ganhar, jogando com o meu nome e agindo por conta própria. (PAUSA) Vou começar a minha revanche, fazendo-lhe uma proposta. O senhor teria coragem de fazer desaparecer, para sempre, essa criança?

L.HENRIQUE - (firme) ~~Não~~ Não. Não teria. Para que prometer-lhe uma coisa que de pois não poderei fazer?

PETRONIO - Claro. Faz bem. É assim que eu quero que trabalhem comigo. Lealmente.

L.HENRIQUE - Eu sempre fiz... velhacadas, digamos. Pequenas vigarices para prover o meu sustento e muitas vezes, também, servir aos amigos, como foi o caso de dona Arabela, que o senhor conhece... Mas crimes, isso eu não teria coragem de praticar.

PETRONIO - Pois bem, então ~~eu~~ vou lhe fazer uma outra proposta, que ~~eu~~ tenho a impressão de que será muito vantajosa para o senhor. Escolha uma outra cidade, distante daqui, para morar com o menino e eu custearei todas as suas despesas. Eu disse "as suas despesas" entendeu bem?

L.HENRIQUE - Entendi, sim, senhor, mas e o menino?

PETRONIO - O menino encoste-o lá num asilo ou num orfanato, sob a alegação de ser filho de uma empregada sua que faleceu e que o senhor não conhece os parentes. Se fôr preciso fazer-se uma doação ao asilo, faz-se, contanto que ele fique lá. O senhor ficará de dono da sua vida e com a mesada que receberá poderá até viajar, se quiser, desde que não volte por aqui para não cair nas garras de Catarina. (PAUSA) E então? Que resolve?

L.HENRIQUE - (DEPOIS DE PAUSA) Sabe que aceito a sua proposta?

PETRONIO - Só terá que manter-me, sempre, a par das suas andanças, porque eu posso precisar dos seus serviços de um momento para o outro e tenho que ~~me~~ saber onde encontrá-lo.

L.HENRIQUE - Combinado, senhor Petrónio. E quando, então, deverei partir com o menino?

PETRONIO - O mais breve possível. Trate de escolher o local onde quer residir que eu mesmo o levarei de automóvel, para evitar suspeitas dos outros passageiros.

L.HENRIQUE - Sim senhor. Eu vou estudar esta questão hoje de noite e amanhã, se quiser chegar aqui, eu já terei a resposta para lhe dar.

PETRONIO - Combinado. Amanhã, antes das dez horas, quando passar para o meu escritório, chegarei aqui. E hoje já vou preparar o espírito de minha secretária, dizendo-lhe que terei que viajar, amanhã mesmo, ou depois, para a realização de um grande negócio. E vai ser, realmente, um grande negócio que eu vou fazer. Tirar a criança das mãos de uma mercenária para as mãos de um homem medroso... mas que me parece leal.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL ADEQUADA, PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

EUGENIA - Tereza não acredita que você possa trazer-me de volta o meu filho. Tire-me todas as esperanças, quando à noite conversamos sobre o assunto.

CATARINA - Dona Tereza é uma mulher que desconfia de tudo e de todos. Parece que não tem confiança nem nela mesma. Não faça caso do seu pessimismo e procure confiar em mim, para poder ~~me~~ ajudar-me.

EUGENIA - Diga-me uma coisa, Catarina, você sabe onde ele está?

CATARINA - Não, mas espero saber em breve. O que sei e que me foi dito pela finada Marina, é que ele está bem tratado e com saúde.

EUGENIA - Porque será que ~~mataram~~ mataram dona Marina?

CATARINA - Acho que justamente porque me havia prometido localizar a criança no dia seguinte. Talvez o raptor tivesse ido lá para consultá-la e ouvisse a promessa. Então... para evitar de ser descoberto, recorreu ao meio mais eficaz: fazer com que ela emudecesse para sempre. Mas ele não sabia que no além há espíritos superiores que conseguem se comunicar com a gente e fazem revelações de estarrecer.

EUGENIA - E como é que você vai conseguir se comunicar com eles? Não era através de dona Marina que ~~independente~~ você fazia isto?

CATARINA - Era. Mas não pense a senhora que porque ela desapareceu, a força tenha se extinguido, não. A força permanece, apenas é transferida para outra pessoa que continua a empregá-la, da mesma maneira, no bem dos semelhantes.

EUGENIA - Mas como é que você vai poder saber a quem essa força foi transferida?

CATARINA - Não é preciso que saiba. Conheço mais duas ou três pessoas que fazem os mesmos trabalhos. Sempre dei preferência à finada Marina, porque ela não cobrava e as outras cobram.

EUGENIA - (Rápida) Mas eu não me importo de pagar. Desde que o meu filho volte para a minha companhia, eu sacrificarei, de bom grado, tudo que me pertence. Dinheiro... casa... jóias... tudo!

CATARINA - Pois neste caso posso lhe adiantar que dentro de dois dias, no máximo, descobrirei onde o menino se encontra.

EUGENIA - (chorosa) Eu não saberei como agradecer-lhe, Catarina. Juro que me tornei sua escrava para o resto de minha vida.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMA. E TEREZA QUE VEM CHEGANDO.

CATARINA - Não é preciso tanto. Basta que seja minha amiga e confie em mim.

TEREZA - (SEÇA) Boa tarde.

CATARINA - Boa tarde, dona Tereza.

EUGENIA - Boa tarde Tereza. Tinha muita gente no têço?

TEREZA - A Igreja cheia, como sempre. Mas a senhora está com a fisionomia bem mais animada. Teve alguma notícia boa?

EUGENIA - Tive, Tereza. Catarina acaba de me prometer que, dentro de dois dias, no máximo, descobrirá onde meu filho se encontra. (MUCHOCHO DE TEREZA)

CATARINA - Ela não acredita. Não sei porque dona Tereza tem tanta desconfiança comigo. Mais do que eu faço para agradá-la e mostrar-lhe que sou sua amiga, não é possível fazer.

TEREZA - Estas coisas íntimas não dependem da gente querer, dependem da gente sentir e ninguém sente uma dor por gosto. Bem, eu vou tirar o meu vestido de sair e vou preparar o lanch para nós que já está passando da hora.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APASTAM E SE PERDEM.

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) A senhora viu? É sempre assim que ela me trata, por mais que eu me esforce para conquistá-la.

EUGENIA - Deixe, não se preocupe. Tereza tem dessas exquisites. Mas no fundo, ela é muito boa pessoa. Mas eu quero ouvir novamente a sua promessa, para agarrar-me com mais força a essa esperança. É mesmo verdade que, dentro de dois dias, você me dará notícias de meu filho?

CATARINA - Espero em Deus que sim.

TÉCNICA - EXPLOSTÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA PARA ENCERRAR A 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE

LEILA - Você hoje parece preocupado, novamente. Que aconteceu?

RODRIGO - Que coisa estranha! Como você me conhece! Por mais que procure esconder-lhe os meus aborrecimentos e as minha preocupações, você fala dois minutos comigo e percebe. Como pode ser isto?

LEILA - São os seus olhos que falam, Rodrigo. A força de olhar tanto para eles, aprendi de tal forma a interpretá-los, que ~~percebo~~ ^{percebo} qualquer sombra que empane a limpidez das suas pupilas.

RODRIGO - E quando procuro mentir, para poupá-la, como ficam eles?

LEILA - Esquivos... medrosos... fugitivos... Desviam-se dos meus olhos, ao mais ligeiro encontro, receosos de serem presos em flagrante. Mas a verdade é que) quando eles pensam que estão fugindo, já foram presos e decifrados pela argúcia dos meus olhos. (PAUSA E TOM) Que aconteceu hoje? Diga.

RODRIGO - Vóvó brigou com papai, por minha causa.

LEILA - E por isso você vai se preocupar? Eles já têm brigado tantas vezes. Quantas brigas você já me contou?

RODRIGO - Mas hoje foi diferente. Hoje eles romperam definitivamente.

LEILA - Não diga! Mas partiu dele ou de sua avó o rompimento?

RODRIGO - De vóvó. Ele não teria coragem de tomar uma atitude assim, definitiva.

LEILA - Ainda pela questão dele ter procurado envolvê-lo no rapto de seu irmão?

RODRIGO - Justo. Vóvó, para livrar-me do vexame de um novo interrogatório, quiz que ele fôsse à polícia retirar as suas insinuações. Ele, é lógico, negou-se a satisfazê-la. Ela insistiu, ele permaneceu no seu ponto de vista, Vóvó não resistiu mais e despejou ~~xxxxxxxx~~ todas as amarguras ^{lhe} que pesavam no ~~seu~~ peito. Ele não gostou de ouvir, porque eram verdade bastante amargas e apelou para as respostas violentas. A coisa foi tomando vulto e ele se retirou, muito zangado, dizendo que não botaria mais os pés na casa dela.

LEILA - Mas querido, esse rompimento era inevitável. Tinha que acontecer, mais cedo ou mais tarde. Eles estavam em terrenos completamente opostos. Suas opiniões eram completamente divergentes e os seus procedimentos inteiramente antagônicos. O choque teria que se dar, a qualquer momento.

RODRIGO - Mas eu não desejava que Vóvó rompesse assim, definitivamente, com ele, porque a verdade é que, no meio de tudo, ele ainda tinha um certo respeito ^{por ela} ~~para~~ e, em função desse respeito, se continha um pouco. Agora... não sei a que extremos será capaz de chegar.

LEILA - Não seja pessimista, meu bem. O pessimista sofre por antecipação e, a maior parte das vezes, sofre inútilmente porque ~~xxxxxxxx~~ é comum os fatos tomarem, naturalmente, um rumo diferente e não acontecer nada daquilo que ele estava prevendo.

RODRIGO - É, tomara que seja isto mesmo. Que os fatos tomem um rumo inesperado e não aconteça nada daquilo que estou prevendo.

C/REGRA - PASSOS DE BELMIRA QUE SE APROXIMA.

LEILA - Já vem Belmira, com o seu cafésinho. Ela não se descuida. Eu sempre digo que si ela fôsse mais moça, que eu ia ter muito diume.

BELMIRA - Ora credo, dona Leila, não brinque assim na presença do seu Rodrigo que eu fico encabalada.

LEILA - Mas eu esclareci bem que era se você fôsse mais moça, portanto não precisa encabular.

RODRIGO - Ela é que pensa que não precisa porque não está sabendo que a galinha velha é que dá bom caldo; não é Belmira? (RIEM OS TRES)

BELMIRA - Esse seu Rodrigo... Esse seu Rodrigo... Olhe só o que ele foi inventar

TECNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

PETRONIO - Conforme combinamos ontem, aqui estou, novamente, para saber o que você resolveu, ou melhor o lugar que escolheu para fixar residência.

L.HENRIQUE - Inicialmente pensei em Pouso Alegre, onde tenho um compadre muito amigo que poderia até me auxiliar em qualquer dificuldade que tivesse.

PETRONIO - Você não vai ter dificuldades, pode estar certo.

L.HENRIQUE - Mas depois me lembrei que em Diamantina eu tenho duas sobrinhas, cuja mãe foi sempre minha amiga e só deixamos de nos corresponder depois que ela faleceu. O senhor sabe como é... a família é sempre a família. Eu posso adoecer, precisar de alguém que me cuide e lá, pelo menos, elas já têm uma certa obrigação porque são parentes. Além do mais, eu tenho certeza que vão ficar satisfeitas com a minha presença e isto vai ser muito confortador para mim.

PETRONIO - Pois então está resolvido. Você vai para Diamantina. De chegada se hospederá num hotel modesto, para não despertar suspeitas e tratará de acomodar o menino. Só depois disto mudará para um hotel melhor e procurará suas sobrinhas. Combinado?

L.HENRIQUE - Perfeitamente. Era isto mesmo que eu estava imaginando fazer. Talvez até que se possa deixar a criança num orfanato qualquer que se encontre pelo caminho.

PETRONIO - Desde que não fique muito distante do seu controle, para que eu possa saber, sempre, que ele continua separado da mãe. Catarina é muito viva, tem muito fôlego e eu quero castigá-la, pelo seu egoísmo, tirando-lhe o chance de uma proveitosa chantagem. Por isso ela não poderá saber, nunca, onde está o menino.

L.HENRIQUE - Nem eu. Se chegar a descobrir-me, será capaz de ir lá especialmente para matar-me.

PETRONIO - Pois bem, podemos então seguir viagem depois de amanhã, de madrugada.

L.HENRIQUE - Quando o senhor quiser. Eu faço a minha mala, fecho a casa e fim de conversa. Boto o pé no mundo que nunca mais ninguém me vê aqui.

PETRONIO - Pois então estamos combinados. Esta casa é sua?

L.HENRIQUE - Não. (TOM) ah é verdade... tenho que encontrar alguém que entregue a chave ao proprietário.

PETRONIO - Eu fico com ela e na volta mandarei entregá-la.

L.HENRIQUE - Com dois meses de aluguel, porque desde que deixei de trabalhar para dona Arabela que estou atrelado.

PETRONIO - Sobre esses detalhes, nós vamos ter bastante tempo para conversar, durante a viagem.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

ARABELA - É você que está aí, Jussara?

JUSSARA - (2º PLANO) Sou eu, sim, dona Arabela. Estou arrumando as suas roupas que ficaram fora do armário.

ARABELA - Depois você chegue aqui que eu tenho algumas instruções a dar-lhe.

JUSSARA - Sim senhora, já vou em seguida. Só falta pendurar este chambre.

ARABELA - Você viu quando meu genro esteve ontem aqui, visitando-me; não viu?

JUSSARA - Vi, sim senhora. Foi eu que o recebi.

C/REGRA - PORTA DE GUARDA ROUPA QUE SE FECHA E PASSOS DE JUSSARA PASSAM A 1º PLANO. PARAM.

ARABELA - Pois então preste bem atenção nas instruções que lhe vou dar e respeito dele, a partir de hoje.

JUSSARA - Sim senhora, dona Arabela. Pode falar.

ARABELA - Todas as vezes que ele me chamar ao telefone, você vai dizer que não pode me chamar, porque tem ordens severas neste sentido. Ouviu bem?

JUSSARA - Ouvii, sim senhora.

ARABELA - E se por acaso ele aparecer aí, o que também pode acontecer, por coisa nenhuma você o deixe entrar. Compreendido?

JUSSARA - Acho que sim. Isso quer dizer que a senhora brigou com ele definitivamente?

ARABELA - Exato. E não desejo fazer as pazes, nem perdôá-lo, por isso você será punida se não cumprir fielmente as minhas instruções.

JUSSARA - Não senhora, pode deixar que eu cumpro. É para fazer eu faço. Não tem conversa mole, não.

ARABELA - Você já tomou o seu café da tarde?

JUSSARA - Tomei, não.

ARABELA - Pois então tome-o e depois venha me ajudar a trocar de roupa que eu hoje quero ir à Igreja conversar com o Padre Crispim.

JUSSARA - Mas de tarde ele não confessa, dona Arabela. Está lá um aviso bem grande perto do confessionário. Confissões, só na parte da manhã.

ARABELA - Mas eu lá sou mulher de me confessar, Jussara? Eu falei em me confessar por acaso? Eu disse que quero ir à Igreja "conversar" com o Padre Crispim. É outra coisa.

JUSSARA - Sim senhora, compreendi.

ARABELA - Pois então vá de uma vez fazer o seu lunch e depois venha ajudar-me a

ARABELLA - (CONTINUAÇÃO) trocar os vestidos e os sapatos. E vista-se, também que você vai comigo.

JUSSARA - Sim senhora. Com licença, dona Arabella.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SOMEM.

ARABELLA - Eu preciso ouvir uns conselhos daquele velho, porque quanto mais se complica a situação de meu neto, mais pesada se torna a minha consciência.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

L.HENRIQUE - Uê! A senhora aqui? Confesso que hoje estava longe de imaginar que receberia uma visita sua.

CATARINA - Pois eu também confesso que não tinha a menor ideia de vir, mas acontece que às vezes estamos pensando em fazer uma coisa e somos obrigados a fazer coisa diferente. E foi isso, exatamente, o que hoje me aconteceu. Vim dar-lhe uma notícia que vai lhe causar grande alegria.

L.HENRIQUE - (desconfiado) Uma notícia?... Que notícia?...

CATARINA - Esta madrugada... lá pelas quatro ou cinco horas... virei buscar o menino.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTÍSSIMA QUE FICARÁ EM FUNDO RESSOANDO.

L.HENRIQUE - Virá... virá buscar o menino?... Mas para que? Se quiser deixá-lo por mais tempo... pode deixar. Afinal, agora... já me habituei com ele.

CATARINA - Não, não, mas eu vou levá-lo. Junte as roupinhas dele, bote na mala e não esqueça também a mamadeira, que é importante. Combinado?

L.HENRIQUE - Sim senhora... está bem... está muito bem. A que horas a senhora virá?

CATARINA - Entre as quatro e cinco horas de madrugada. Estará tudo pronto?

L.HENRIQUE - Estará, sim senhora... estará tudo pronto... tudo pronto...

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM MÚSICA DE ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

25º CAPÍTULO

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE ABERTURA

CATARINA - Esta madrugada, lá pelas quatro ou cinco horas, virei buscar o menino.

TÉCNICA - VERGASTADA FORTE.

L.HENRIQUE - Virá... virá buscar o menino?... Mas para que?... Se quiser deixá-lo por mais tempo... pode deixar. Afinal... agora... já me habituei com ele.

CATARINA - Não, não, mas eu vou levá-lo. Junte as roupinhas dele, bote na maleta e não esqueça também a mamadeira, que é importante. Combinado?

L.HENRIQUE - (desorientado) Sim, senhora... está bem... está muito bem... A que ho-
ras a senhora virá?

CATARINA - Entre as quatro e cinco horas da madrugada. Estará tudo pronto?

L.HENRIQUE - (desapontado) Estará, sim, senhora... estará tudo pronto... tudo pronto...

CATARINA - Que coisa estranha... você parece que ficou desapontado, em vez de fi-
car contente...

L.HENRIQUE & Bem... é que... a senhora compreende... o primeiro dia... o segundo e ainda o terceiro, custou-me muito, mas depois fui me habituando, me habituando e por fim me habituei tanto que acabei querendo bem ao me-
nino. Um homem só e sem ocupação, como eu era antes... acabei por achar uma finalidade na vida. Fiquei desapontado, sim, - é por que não confessar? - fiquei triste, também, porque agora volto à minha vida inú-
til e vazia.

CATARINA - Óra, vamos! Não se preocupe tanto. Eu me encarregarei de lhe arranjar, em breve, uma nova ocupação. Estamos conversados, não?

L.HENRIQUE - Estamos, sim, senhora... estamos...

CATARINA - Entre quatro e cinco horas da madrugada estarei batendo aqui. Tchau.

L.HENRIQUE - Está muito bem, dona Catarina. Até logo.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM. ABRIR E FECHAR DE PORTA EM 2º PLANO.

L.HENRIQUE & E agora? Que faço? Tenho que dar um jeito de avisar imediatamente ao seu Petrônio, para darmos no pé esta noite mesmo, senão estamos perdidos. O menino, agora, não dormirá menos de três horas. Vou à bomba de gasolina mais próxima, procurar falar ~~com~~ para o escritório dele. Eu poderia ir até lá, mas já deve ser quasi hora de fechar e eu não chegaria a tempo. O melhor é o telefone mesmo.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

O/ REGRA - RUÍDO DE DISCAR TELEFONE, SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - EM FURDO, RUÍDOS VÁRIOS DE RUA. EM 2º PLANO, TELEFONE CHAMANDO DO OUTRO LADO DA LINHA. LEVANTAR FONE DO GANCHO, TAMBÉM DO OUTRO LADO.

L.HENRIQUE - Quem fala aí?

CLAUDIA (FILTRO) - Dois sete, zero, zero, quatro zero.

L.HENRIQUE - É do escritório do seu Petrônio?

CLAUDIA - (FILTRO) É, sim senhor.

L.HENRIQUE - Ele não está, senhorita?

CLAUDIA - (FILTRO) Não, não está e eu não sei se voltará antes de encerrar-se o expediente.

L.HENRIQUE - Que pena! Eu precisava tanto falar com ele! Um assunto tão importante!... É sobre uma viagem que ele deveria fazer, amanhã.

CLAUDIA - (FILTRO) Ah, sim, eu sei. Ele me falou nessa viagem. Muito por alto, mas me falou.

L.HENRIQUE - A senhorita não sabe onde ele poderia estar agora? O assunto é tão importante que eu iria procurá-lo.

CLAUDIA (FILTRO) - Não sei... não tenho a menor ideia... Mas se o senhor quiser deixar o recado, deixe, que si ele aparecer aqui eu digo a ele.

L.HENRIQUE - Não resolve. Para isso eu precisava ter certeza de que ele volta ao escritório.

CLAUDIA (FILTRO) - Vamos fazer uma coisa: o senhor desligue que eu vou telefonar para todas as casas onde ele costuma ir e onde talvez possa estar... mas para dizer o que? Como é o seu nome? Qual é o recado?

L.HENRIQUE - O meu nome não é necessário. Basta dizer-lhe que uma pessoa telefonou para dar-lhe uma comunicação importante sobre a viagem de amanhã e que ele procure um meio de se comunicar comigo antes da meia noite. Dizendo isto, basta. Ele já sabe quem é e a quem procurar.

CLAUDIA - (FILTRO) Perfeitamente. Então o senhor pode ficar descansado que eu farei todo o empenho em encontrá-lo.

L.HENRIQUE - Obrigado, senhorita. Eu lhe ficarei muito obrigado.

O/ REGRA - DESLIGA O TELEFONE.

TÉCNICA - AUTOMATICAMENTE AUMENTA OS RUÍDOS DE RUA.

L.HENRIQUE - Se a Secretária não chegar a localizá-lo... lá se vai, por águas abaixo a paz que eu sonhei tanto desfrutar!... E o pior é que vou criar um caso horrível com o seu Petrônio, que não é de brincadeira, não!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MEDANÇA DE CENA.

C/REGRA - RUÍDO DE DISCAR SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - TELEFONE CHAMANDO NA OUTRA EXTREMIDADE DA LINHA. LEVANTAR FONE DO GANCHO TAMBÉM NA OUTRA PONTA.

2ª VOZ - (FILTRO) Alô!

CLAUDIA - ~~XXXXXXXXXXXX~~ De onde falam?

2ª VOZ - (FILTRO) Quatro sete, trez cinco, zero quatro.

CLAUDIA - É do escritório do seu Dionísio?

2ª VOZ - (FILTRO) Exatamente. E é ele mesmo quem está no telefone. Quem fala aí?

CLAUDIA - Aqui é do escritório do seu Petrônio. É a secretária dele que está falando.

2ª VOZ - (FILTRO) Ah, sim senhora. As suas ordens.

CLAUDIA - Seu Dionísio, o seu Petrônio estará aí, por acaso?

2ª VOZ - (FILTRO) Não senhora. E hoje ele nem me apareceu aqui.

CLAUDIA - Ah, obrigada. Olhe, se ele aparecer o senhor diga que eu tenho um recado urgente para transmitir-lhe e que ele me telefone. Faz êsse favor.

2ª VOZ - (FILTRO) Pois não, sim senhora.

CLAUDIA - Obrigada então e passe bem.

C/REGRA - DESLIGAR TELEFONE.

CLAUDIA - Vamos ver na papelaria do seu Jacques. Ele às vezes vai por lá dar uma prosa...

C/REGRA - DISCAR SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - DEPOIS DO TERCEIRO OU QUARTO NÚMERO ENTRA COM MÚSICA FORTE PARA MUDANÇA DE CENA.

EUGENIA - Conseguia alguma coisa hoje, Catarina?

CATARINA - Consegui, mas assumi o compromisso de levar uma boa bolada esta noite e outra depois do menino se encontrar novamente com a senhora.

EUGENIA - Eu dou, eu dou. Eu já disse que dou. Quanto você vai querer levar?

CATARINA - No mínimo uns duzentos mil cruzeiros. A senhora tem?

EUGENIA - Tenho e casualmente estão aqui em casa porque fomos fugir exatamente na aquela madrugada do rapto, ou no dia seguinte, já nem me lembro direito.

CATARINA - Pois então a senhora trate de fazer um pacote bem feito que na hora de sair eu lhe peço.

EUGENIA - Quer dizer, então, que eles já localizaram o menino?

CATARINA - Localizaram, mas não quiseram me dizer. Eles mesmos vão buscá-lo e de madrugada, quando o céu começar a querer clarear, eu tenho que estar na praça para receber de Yemanjá a oriança extraviada. Eles me entregam a oriança, eu entrego o pacote, eles voltam para a tenda deles e venho p

CATARINA - (CONTINUAÇÃO) para casa com o menino.

EUGENIA - Que bom, Catarina! Que bom! Já nem imaginas a ância que eu tenho de abraçar e beijar o meu filho querido! E como te serei grata pelo resto de minha vida.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER IDOSA QUE SE APROXIMAM. É TEREZA.

CATARINA - Cuidado. Vamos mudar de assunto que dona Tereza vem aí e os seus pensamentos pessimistas podem atrapalhar as boas intenções.

TEREZA - Boa tarde.

AS DUAS - (JUNTAS) Boa tarde.

TEREZA - Estava tanto frio na Igreja que eu tenho a impressão de que apanhei um belo resfriado.

EUGENIA - Vá tomar um café bem quente.

CATARINA - Eu tenho compridos para resfriados, se a senhora quiser.

TEREZA - (seca) Não senhora, obrigada. Não gosto de tomar remédios de farmácia. Sempre me dei melhor com os meus chásinhos caseiros. Pelo menos eu sei como eles são feitos."

EUGENIA - Tereza é como mãe. Ela também preferia, sempre, os remédios caseiros.

TEREZA - É claro. (intenção) Pelo menos a gente sabe que eles não contêm veneno.

CATARINA - Mas há muitos venenos que, em determinados casos, servem para curar.

TEREZA - Excepcionalmente, porque a maioria é usada "para matar".

EUGENIA - Tereza, vá tomar um café quente, ande. Quanto mais você demorar, mais o seu resfriado irá progredir.

TEREZA - Não vou tomar café agora, não, dona Eugênia. Primeiro vou trocar o meu vestido. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE TEREZA QUE SE AFASTAM E SE SOMEM.

CATARINA - A senhora via as indiretas todas que ela me dirigiu?

EUGENIA - Não faça caso. Finja que não entende.

CATARINA - E não é o que eu faço? Mas também lhe juro que é só pela senhora, porque simão...

EUGENIA - (depois de pausa) Simão, o que, Catarina?

CATARINA - (caindo em si) Nada, não... Eu falei por falar. Deixe isso pra lá.

EUGENIA - A que horas você vai sair, que é para eu lhe entregar o pacote com a importância?

CATARINA - Às três e meia da madrugada. Pego um táxi ali na esquina, às quatro horas estou chegando lá.

EUGENIA - Muito bem, então antes de você sair, eu lhe entregarei a primeira parcela combinada.

CAPIARINA - Perfeitamente, mas é necessário que tenha todo o cuidado para que dona Tereza não perceba. Ela pode prejudicar a gente.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA.

CLAUDIA - Dona Leonor, a senhora pode me informar, por favor, se seu Petrônio está por aí?

^{3ª} ~~MIXTA~~ VOZ - (FEMININA) Não senhora, dona Cláudia, não está. (FILTRO)

CLAUDIA - E será que ele ainda vai aparecer por aí, hoje? A senhora não sabe?

3ª VOZ - (FILTRO) Pode ser que ainda apareça, mas já passou a hora em que costumava vir. A senhora queria falar com ele?

CLAUDIA - Quería. Tinha um recado urgente, para dar a ele.

3ª VOZ - (FILTRO) Se quiser deixar esse recado, ele aparecendo eu dou.

CLAUDIA - A senhora diga que ele procure falar comigo ainda hoje. Ou aqui no escritório ou na minha casa.

3ª VOZ - (FILTRO) Sim senhora. Pode ficar descansada que ele vindo o recado será dado.

CLAUDIA - Muito obrigada, então e passe bem.

G/REGRA - RUÍDO DE PENDURAR O FONE NO GANCHO EM 1ª PLANO. COMEÇA A DISCAR.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL SOBRE EM MEIO DO NÚMERO QUE ESTÁ SENDO DISCADO, FUNDIDO com música para encerramento da 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA SEGUNDA PARTE DO CAPÍTULO. FUNDE COM MÚSICA RELIGIOSA QUE PERMANECE EM FUNDO NO DIÁLOGO. MÚSICA ~~DE~~ ORGÃO.

CRISPIM - (BONDOSO) A senhora sempre com a velha mania de querer conversar aqui na casa canônica, em vez de confessar-se ali na Igreja. Ah, dona Arabela... dona Arabela!... Uma coisa e outra não vêm a dar na mesma?

ARABELA - Não, Padre Crispim. Para mim é completamente diferente.

CRISPIM - Mas diferente por que? Em que?

ARABELA - Aqui, conversando com o senhor, o que eu não quiser que o senhor saiba não lhe conto. No confessional, se o senhor perguntar qualquer coisa que eu não queira dizer, se omitir, estou pecando. E já bastam os pecados que eu tenho, Padre Crispim. Não convem aumentá-los.

CRISPIM - A senhora me fala, seguidamente, nos seus muitos pecados, mas até hoje não me revelou um só. Sabe que eu já não estou acreditando muito neles? Estou achando que tudo é "onda"?

ARABELA - Não é onda, não. Eles são muitos e alguns bem graves.

CRISPIM - Mas então jamais conseguirá chegar junto de Deus, se não tratar de se aliviar do seu peso aqui, na terra.

ARABELLA - Mas eu vou fazer isto, um dia. Não sei quando, mas vou.

CRISPIM - E não se lembra de que poderá ser surpreendida pela morte, de um momento para o outro?

ARABELLA - Lembro-me, sim, mas Deus é infinitamente bondoso e sempre concede, aos agonizantes, um momento de lucidez, para que eles possam salvar-se ainda, se quiserem. Nesse momento, que eu espero que Ele também conceda a mim, confessarei os meus pecados.

CRISPIM - Mas não basta confessar, minha amiga, é preciso, também, arrepender-se.

ARABELLA - Arrependida eu já estou, há muito tempo. Desde que comecei a ver meu único neto sofrendo que me sinto arrependida e castigada.

TÉCNICA - SOBE A MÚSICA RELIGIOSA EM FUNDO E CORRE A CORTINA MUSICAL.

CLAUDIA - (JÁ AFLITA) Então eu vou pedir ao senhor um grande obséquio: si o seu Petrônio aparecer aí, o senhor me fará o grande favor de dizer ^{-lhe} ~~me~~ que eu preciso me comunicar com ele, ainda hoje, sem falta. Diga-lhe que é sobre uma viagem que ele tem que fazer e que se eu não estiver mais no escritório que ele telefone para a minha casa. Obrigada.

C/REGRA - RUÍDO DE COLOCAR FONE NO GANCHO.

CLAUDIA - Que horror, meu Deus! Quasi nove horas da noite, o outro está aflito, telefonando a cada momento para cá e eu não consigo localizar seu Petrônio. Acho que já telefonei para todas as casas onde sei que ele costuma ir. (PAUSA) Ah, não. Tem aquele amigo onde ele às vezes vai, à noite, jogar uma partida de xadrez. E eu tinha aqui o telefone dele... (PAUSA MAIOR) Está aqui. Dois cinco...

C/REGRA - VAI DISCANDO OS NÚMEROS QUE CLAUDIA VAI DIZENDO.

CLAUDIA - ... meia quatro...

TÉCNICA - ENTRA A CORTINA FORTE, COBRINDO OS RUÍDOS ANTERIORES. FUNDE COM ~~RUÍDO~~ RELÓGIO DE TORRE, AFASTADO, BATENDO ONZE BADALADAS ESPAÇADAS.

EUGENIA - (MEIA VOZ) Catarina, você está dormindo?

CATARINA - Não, senhora. Estava recostada, cochilando um pouco.

EUGENIA - Eu vim lhe trazer o dinheiro para poder me deitar descansada. Tive que esperar que Tereza dormisse, para poder tirá-lo da cômoda. Ela hoje resolveu ~~me~~ deitar ~~mais cedo~~, atrapalhou todos os meus planos.

CATARINA - É assim. Dona Tereza atrapalha sempre.

EUGENIA - Coitada! É natural. Está mais velha, mais ranzinza, mais cheia de manias. Eu tenho muita pena dela, porque foi uma pessoa de trato e de condição. O marido jogou sua fortuna fora e a coitada não teve outra solução de

EUGENIA - (CONT.) ~~XXXX~~ que trabalhar para poder viver. E depois eu sou obrigada a reconhecer que, no fundo, ela é uma pessoa muito leal e muito boa. O que me tem valido nos momentos cruéis de minha vida, nem sei!

CATARINA - Está bem, dona Eugênia, eu não quero dizer que ela seja má, mas nunca vi uma pessoa tão bisbilhoteira e tão desconfiada. Eu até que deveria odiá-la, pelas suspeitas todas que ela levantou em torno de mim e não a odeio. Vou lhe dizer mais: acho que aprendi com a senhora a perdoar, porque já consigo me lembrar dela sem rancor.

EUGENIA - É que tú és, também, uma creatura boa, Catarina. É por isso.

CATARINA - A senhora não imagina a satisfação que eu vou sentir, quando entrar aqui com o menino nos braços e me perdêse se é pecado o que vou lhe dizer, mas acho que a minha alegria ainda vai ser maior por poder desmascará-la. Daí em diante eu quero ver de que modo ela vai me tratar.

EUGENIA - Vai passar a adorar-te e cobrir-te de atenções e carinhos; vais ver. (TOM) Olha, aqui está o pacote. Eu contei bem contadinho, mas se quizeres conferir...

CATARINA - Não há necessidade. Tenho certeza de que a senhora não se enganou.

EUGENIA - O restante, de acôrdo com o que ficou combinado, será entregue amanhã, depois do menino estar em meu poder.

CATARINA - Exato. Eu vou ver si eles me passam um recibo e amanhã entrego á senhora.

EUGENIA - Não faço questão de recibo, Catarina. Basta que eu tenha comigo o meu filho. (TOM) Mas você estava descansando e eu vim interrompê-la.

CATARINA - Não tem importância. Apenas estava cochilando, para que as horas passassem mais depressa. Também não quero dormir com receio de perder a hora.

~~EUGENIA~~
~~XXXXXXXX~~ - Por que não vai tomar um café? É bom para despertar.

CATARINA - Vou tomar, sim. Quer que faça um para a senhora também?

EUGENIA - Não, obrigada. Eu não vou dormir, de qualquer maneira. Fui sempre assim. A emoção rouba-me o sono.

CATARINA - Então, se prefere ficar conversando, por mim a senhora não se constranja.

EUGENIA - Não, não... eu terô que ir para a cama porque se Tereza acorda e não me vê deitada, além do susto enorme que vai levar, poderá desconfiar de qual quer coisa e eu não quero que ela saiba que dispensei dinheiro no resgate do meu filho porque foi sempre contrária a essa maneira de rehavê-lo.

TECNICA - MUSICA PARA CORTINA DE SEPARAÇÃO.

CLAUDIA - Mas meu senhor, eu não posso fazer mais nada. É quasi meia noite e eu ainda estou aqui no escritório, esperando que seu Petrônio apareça ou me

CLAUDIA - (CONTINUAÇÃO) telefone. Já deixei mais de vinte recados espalhados por todos os lugares que eu sei que ele costuma ir. Minha mãe já está aflita, me chamando de casa. Se até à meia noite ele não vier, eu vou tomar um taxi e vou para casa.

L.HENRIQUE - (FILTRO) Mas isso é uma coisa horrerosa! Eu não podia deixar de falar com esse homem, antes das duas horas da madrugada!

CLAUDIA - Sinto muito, mas não posso fazer nada.

L.HENRIQUE - Se ao menos a senhorita confiasse em mim e me emprestasse a chave do escritório, eu ia para aí esperá-lo e estava tudo resolvido. (FILTRO)

CLAUDIA - Mas como é que eu vou fazer uma coisa dessas? O senhor tem que concordar que é um absurdo. Não posso, de maneira alguma.

L.HENRIQUE - (FILTRO) Era um favor que a senhorita ia fazer ao seu patrão, não pensa que era a mim.

CLAUDIA - Mas de qualquer forma. Sem autorização dele, eu não posso entregar a chave do escritório a quem quer que seja.

L.HENRIQUE - (FILTRO) Ele está correndo o risco de sofrer um prejuizo tremendo, entende? Eu estou querendo ver se evito esse prejuizo, de qualquer maneira. Tenho vários documentos importantes para entregar-lhe, no máximo, até às três horas. Se não o encontrasse, precisava de um lugar para escondê-los. Onde melhor do que no escritório dele?

CLAUDIA - Pois então o senhor pode trazê-los, que eu os levo até para a minha casa se for preciso.

L.HENRIQUE - (FILTRO) Não posso, senhorita. Não posso entregá-los a quem quer que seja.

CLAUDIA - Da mesma maneira que eu também não posso entregar a chave do escritório se meu patrão.

L.HENRIQUE - ~~XXXXXXXXXXXX~~ (FILTRO) É...então, infelizmente, não posso fazer mais nada.

CLAUDIA - Nem eu. Lamento muito, mas também não posso.

TECNICA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE DO OUTRO LADO DA LINHA.

C/REGRA - RUIDO DE COLOCAR FONE NO GANGHO.

CLAUDIA - O homemsinho está alucinado, mas eu não posso fazer mais nada. Como posso entregar a chave do escritório a uma pessoa que nem o nome quiz me dizer?

TECNICA - DOZE BADALADAS DE RELOGIO DE TORRE, AFASTADO.

CLAUDIA - ~~XXXXXXXXXX~~ Meia noite. Vou para casa com a minha consciência tranquila. Não é possível esperar mais.

TECNICA - CORTINA MUSICAL QUE REVELE AREENSÃO

L.HENRIQUE - Quasi meia noite e trinta e eu aqui, aflito e sem saber o que fazer.

L. HENRIQUE - (CONTINUAÇÃO) Si eu tivesse um lugar seguro, onde esconder-me com a criança, ganharia tempo até amanhã. Mas onde iria meter-me? Onde? Os camaradas com quem podia contar, antes, abandoná-los todos, desde que a criança veio para a minha casa. Não tinha outra solução, fui obrigado a afastá-los. O resultado é que, agora, não tenho a quem recorrer.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL TENSA, FUNDE COM DUAS BADALADAS DE RELOGIO DE TORRE.

L. HENRIQUE - Duas horas da madrugada! Eu já tão pertinho da minha independência e contando com ela, para uma velhice melhor, quando me surge o demônio da aquela mulher para atrapalhar toda a minha vida. E o pior é que vai atirar seu Petrônio contra mim. Ele não vai se conformar e é capaz até de pensar que eu avisei alguma coisa à ~~talvez~~ dona Catarina. Que me vale é que a secretária dele é testemunha das vezes que telefonei para o escritório, tentando avisá-lo. (ZANGADO) Ele também se mete ninguem sabe onde...

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE GRANDE TENSÃO, FUNDE COM RELOGIO DE TORRE, BATENDO TRES BADALADAS ESPAÇADAS E DISTANTES.

L. HENRIQUE - (CANSADO) Tres horas da manhã. Não demora muito ela está batendo aí para levar o menino. E eu não vou ter outro remédio senão entregá-lo. Mesmo porque se me nega a fazê-lo ela me matará! Que pena! Tão tranquila que seria a minha vida como estava projetada!... É que Deus não concordou porque achou que eu não merecia, com certeza.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL DE GRANDE TENSÃO NERVOSA, FUNDE COM RELOGIO DE TORRE, BATENDO QUATRO HORAS, APASTADAS E ESPAÇADAS.

L. HENRIQUE - (DEPOIS DA ÚLTIMA BADALADA) Pronto! Foi-se a minha última esperança! agora não me resta mais nem um resquício dela! Quando dona Catarina chegar, o único recurso é entregar-lhe o menino. E depois... depois seja tudo pela vontade de Deus! Não sei qual será a reação de...
(CORTA)

C/REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA.

L. HENRIQUE - Eu sabia que ela seria pontual. E agora? Que faço? Deixar que ela fique batendo e não abrir-lhe a porta? Não adiantaria nada. Ela acabaria por mandar arrombá-la e eu pagaria com a vida a teimosia de não querer abri-la.

C/REGRA - NOVAS BATIDAS, UM POUCO MAIS FORTES E MAIS NERVOSAS.

L. HENRIQUE - É. Não há solução. Tenho que abrir!

C/REGRA - RUIXO DE RODAR CHAVE NA FECHADURA.

TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL PARA FUNDIR COM MUSICA DE ENCERRAMENTO.

C/REGRA - BATIDAS NA PORTA, EM 2º PLANO.

L.HENRIQUE - Pronto! Estamos perdidos!

PETRONIO - Perdidos por que? Mande-a entrar. Eu a esperarei aqui.

L.HENRIQUE - Ela será capaz de me matar, seu Petrônio.

PETRONIO - Na minha frente não se atreverá. E depois, só se chegar até onde você vai, o que não acredito.

C/REGRA - NOVAS BATIDAS EM 2º PLANO, UM POUCO MAIS FORTES.

PETRONIO - Vá de uma vez., Abra a porta.

C/REGRA - PASSOS EM PRIMEIRO PLANO. O DIÁLOGO VAI PASSAR PARA A PORTA.

TÉCNICA - ACOMPANHA OS PASSOS COM MÚSICA QUE REPRATE GRANDE EXPECTATIVA E SUSTO.

VOZ - O senhor é o dono da casa?

L.HENRIQUE - Sim senhor.

VOZ - Pois eu vi a porta aberta a esta hora da madrugada e fiquei cismado.

L.HENRIQUE - Não senhor, é que nós vamos sair agora para uma temporada de veraneio na serra e como já vamos botar as malas no carro achamos melhor abrir a porta primeiro.

VOZ -OK, chefe. Desculpe,então.

L.HENRIQUE - Não senhor. Eu é que lhe agradeço o zelo. Podia ser um esquecimento, ou até mesmo ladrões.

VOZ - Boa noite, chefe.

L.HENRIQUE - Boa noite, senhor. Obrigado.

C/REGRA - RUÍDO DE FECHAR PORTA. PASSOS SEMPRE EM 1º PLANO VOLTANDO PARA A SALA.

L.HENRIQUE - Imagine que com a emoção de avistá-lo, esqueci a porta da rua aberta. Era o guarda noturno para avisar.

PETRONIO - Vamos embora, então. Alcance-me as malas pela janela, que fica mais próxima, pegue o menino e vamos logo.

TÉCNICA - SOBE MÚSICA DE EXPECTATIVA E FAZ CORTINA MUSICAL

C/REGRA - BATIDAS EM PORTA, INICIALMENTE DISCRETAS - 1º PLANO

CATARINA - (DEPOIS DE PAUSA) Será que esse velho tonto está dormindo?

C/REGRA - REPETE AS BATIDAS UM POUCO MAIS FORTE.

CATARINA - Ele tinha obrigação de estar atento, uma vez que foi avisado que eu viria. Eu não posso ficar aqui, do lado de fora da porta, indefinidamente

C/REGRA - BATE FORTE E FAZ UMA PAUSA. REPETE BATIDAS AINDA MAIS FORTES.

CATARINA - Não! Isso agora também já é demais.

C/REGRA - NOVAS BATIDAS FORTES, JÁ NERVOSAS.

CATARINA - (JUNTO COM AS BATIDAS) (CHAMANDO) Seu Henrique, abra a porta.

VOZ - Não tem ninguém em casa, dona!

TÉCNICA- VERGASTADA MUSICAL FORTÍSSIMA.

CATARINA - Como?!...

VOZ - Não tem ninguém em casa. O chefe aí saiu.

TÉCNICA- REPETE A VERGASTADA EM FUNDO

CATARINA - Mas saiu como, si êle tem criança pequena em casa e não tem com quem deixar? A criança não podia ficar sózinha.

VOZ - Ele não deixou, não, dona. A criança foi junto.

TÉCNICA - NOVAMENTE UMA VERGASTADA VIOLENTÍSSIMA.

CATARINA - Foi junta?!... A esta hora da noite?! Mas como é que o senhor sabe? Para onde eles foram?

VOZ - Olhe, dona, êle disse que ia levar a criança pra um veraneio na serra. Veio um automóvel buscá, com um senhor moreno alto na direção... êle entrou aí... e depois tornaram a sair e levaram a criança.

CATARINA - Mas eu que tinha ficado de vir para levar a criança.

VOZ - Vai vê a senhora se atrazou eles nãoesperaram.

CATARINA - Esse senhor moreno alto, não tinha um pouco de cabelos brancos aqui em cima das orelhas?

VOZ - Olhe dona, pra falá a verdade eu não sei lhe dizê. Assim no escuro não dava pra vê direito nem a cara do cara. Por que a senhora não vai na estação? Tem a estrada de ferro e a rodoviária.

CATARINA - É mesmo. Foi uma boa ideia que o senhor me deu. Vou passar na rodoviária e de lá na Estrada de Ferro. Numa das duas eu hei de encontrar com êles. Obrigada, então. Eu vou apanhar um táxi ali na esquina da praça. Boa noite.

VOZ - Boa noite, dona. Que a senhora encontre.

CATARINA - (JÁ EM SEGUNDO PLANO) Obrigada.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER SE AFASTAM RÁPIDOS, NA CALÇADA, ATÉ SE PERDEREM.

VOZ - Essa, com certeza, é a ama do menino que tratou de vir na hora e não apareceu. Ela ficou enjoada pra xáxi.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL ADEQUADA, PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

EUGENIA - Estou impressionada com a demora de Catarina. Ela saiu às quatro horas da manhã, para voltar antes das seis... são sete e pouco e ainda não voltou. Que estará acontecendo?

TEREZA - Ora, o que estará acontecendo! Ela deve ter recebido uma boa importância em dinheiro, que de graça não ia fazer o que está fazendo. A se

- TEREZA - (CONTINUAÇÃO) nhora não me disse, mas eu bem que estou sabendo que não sou boba.
- EUGENIA - O que ela recebeu, em comparação ao que eu seria capaz de dar pela vida de meu filho, é uma gota d'água. Tú não achas duzentos e cinquenta mil cruzeiros uma ninharia pela vida de um ser a quem se ama?
- TEREZA - Para dividir por um bando de ladrões, é pouco, mas para uma ladra só, até que me parece uma soma bem razoável.
- EUGENIA - O que é que tú queres dizer com isto, Tereza?
- TEREZA - Que ela recebeu êsse dinheiro e botou o pé na táboa, que não é boba.
- TÉCNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL DE SUSTO.
- TEREZA - A senhora poderá ainda rehavê-lo, não digo que não, mas só depois de ter dado aos raptos tudo que possui. Catarina, com certeza, tratou de cobrar, com habilidade, a parte que lhe cabia. Duvido que volte e, menos ainda, trazendo o menino.
- TÉCNICA & REPETE A EXPLOÇÃO MUSICAL ANTERIOR.
- EUGENIA - (CONTENDO A IRRITAÇÃO) Oh, Tereza, você não tem a menor piedade em es traçalhar as esperanças da gente! Sabe que isto chega a ser falta de caridade?
- TEREZA - Falta de caridade me parece alimentar uma esperança que a gente sabe que não será realizada.
- C/REGRA - RUIDO DE CHAVE NA PORTA E PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA EM 2º PLANO.
- EUGENIA - Olhe! Parece que é ela que está voltando. (NERVOSA) E você disse que ela não voltava, Tereza! Você disse que ela não voltava.
- C/REGRA - PASSOS DE MULHER, QUE VEM DE SEGUNDO PLANO PARA 1º.
- TEREZA - É, parece que falhei, nessa parte da minha previsão, mas a criança não vem com ela.
- EUGENIA - Por favor, Tereza, deixe que ela fale. Não fique a contestar as coisas que diz, para não atrapalhar as suas explicações. (TOM, DEPOIS DE PAUSA, QUANDO OS PASSOS ATINGEM O PRIMEIRO PLANO) O que houve, Catarina? ~~XXXX~~ Por que volta assim, desanimada e abatida?
- CATARINA & Pela decepção que lhe vou dar. Imagine a senhora que a criança foi re movida do lugar onde estava, ontem à noite.
- EUGENIA - (COM VOZ TREMULA DE MEDO E ERANTO) E agora?... Não há mais esperanças de encontrá-la?
- CATARINA & Eles dizem que sim e pedem o prazo de uma semana.
- TEREZA - E o dinheiro que você levou? Aposto que eles não devolveram.

EUGENIA - (TOM DE CENSURA, RÁPIDA) Tereza, eu lhe pedi que você não falasse.

TEREZA & Eu sei que a senhora pedia, mas eu não podia mais... tinha que desabafar. Segurei, segurei, mas de repente escapou. E agora, já que falei no assunto, deixe forçar a resposta, que até agora não veio. Afinal de contas, a senhora levou dinheiro para trazer a criança. A criança não veio e o dinheiro ficou lá?

CATARINA - Não senhora, dona Tereza, não ficou.

TEREZA - (irônica) Jogaram ao mar, como oferenda a Yemanjá, para que Ela devolvesse o menino?

CATARINA - (seca) Não senhora.

TEREZA - (irônica) Deram aos pobres, como esmola, em sinal de alegria pela restituição do garoto?

CATARINA - Também não, senhora.

TEREZA - Mas então o que fizeram dele, afinal? A senhora devia logo contar, não esperar que lhe perguntassem. Onde está o dinheiro? Diga.

CATARINA - Está aqui, comigo, para ser devolvido à dona Eugênia!

TÉCNICA - EXPLOSIÃO MUSICAL, FUNDE COM CORTINA MUSICAL PARA FINAL DA 1ª PARTE.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO.

TEREZA - Onde está o dinheiro? Diga.

CATARINA - Está aqui, comigo, para ser devolvido à dona Eugênia!

TÁCNICA - ACORDE VIOLENTO.

EUGENIA - Eles não aceitaram? Quem sabe acharam pouco? Eu não...

TEREZA - (CORTA) Espere, dona Eugênia. Deixe dona Catarina falar. A senhora fazendo duas, três perguntas, ao mesmo tempo, ela fica sem saber a qual deverá responder. (TOM) Eles não aceitaram o dinheiro que a senhora levou?

CATARINA - Não, não... eles... eles aceitaram, mas depois, quando o emissário deles chegou, sem o menino, trataram imediatamente de devolver. Nem foi preciso que eu reclamasse.

TEREZA - (IRONIA FERINA) Que gente honesta!

EUGENIA - Catarina, eu pedi a você que deixasse...

TEREZA - (CORTA) Eu sei que a senhora pediu, mas eu também lembrei à senhora que seria muito difícil eu me segurar. Em todo caso, como eu não quero estar servindo de estorvo às suas negociações com ela, trato de me retirar, que é o melhor que eu faço.

EUGENIA - Não há necessidade que você se retire. Eu ~~maxim~~ não estou pedindo isto a você...

TEREZA - (CORTA) Não, não está pedindo, está apenas me advertindo, a todo momento, que eu estou atrapalhando os seus entendimentos com ela.

EUGENIA - Porque você prometeu deixar Catarina falar e não deixa. Veja bem. Até agora ela não conseguiu nos contar o que realmente aconteceu, porque, a todo momento é interrompida.

TEREZA - A mim ela não precisa contar nada, porque sei de cor e saltando as coisas que ela vai dizer. E é por isso que não tenho nenhum interesse em ficar e vou-me embora.

EUGENIA - Bom, depois não diga que a mandei. É você quem quer ir.

TEREZA - Sou eu, sim. Com licença.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM (DE TEREZA) ATÉ SE PERDEREM AFASTADOS.

EUGENIA - Tereza já é naturalmente ranzinza e impertinente, mas quando fica nervosa, Deus nos acuda!

CATARINA - Mas foi melhor. Penso que agora poderei contar-lhe tudo que aconteceu.

EUGENIA - Antes, por favor, diga o que mais está me interessando: Eles deram alguma esperança de encontrar o meu filho?

CATARINA - Garantiram-me que o encontrarão. Aliás, antes do emissário chegar, já um dos caboclos havia se manifestado, dizendo que ele não ia ser encontrado no endereço antigo e que só algum tempo mais tarde, num outro endereço.

EUGENIA - E esse "algum tempo mais tarde" eles não disseram que tempo era?

CATARINA - Eu perguntei logo, e a resposta foi a seguinte: pode ser uma semana... pode ser um mês... pode ser um ano... Mas ele vai voltar para sua mãe.

EUGENIA - Uma semana... um mês... ainda que muito custe, a gente espera... mas um ano, Catarina... Um ano!... É tanto tempo... tanto tempo... (soluça)

CATARINA - Bem... um ano é a pior das hipóteses. Vamos esperar que não seja isto que aconteça. Vamos ter fé... rezar... e pedir a Deus!...

EUGENIA - E eu tenho feito outra coisa sinão ~~mas~~ rezar e pedir amparo ao Pai Celeste? Eu já rezo sem sentir, Catarina. Muitas vezes, me surpreendo em meio de um Pai Nosso, uma Ave Maria, ou uma Salve Rainha.

CATARINA - Vamos aguardar... sem perder a fé, nem a coragem. (TOM) Olhe.

EUGENIA - Que é isto?

CATARINA - O pacote do dinheiro que a senhora tinha me dado.

EUGENIA - Pode deixar em cima da cômoda. Depois eu guardo.

CATARINA - E agora a senhora vai me dar licença. Eu vou descansar que não me aguento mais de pé. Estou caindo aos pedaços.

EUGENIA - Tens razão, Catarina. Vai descansar, sim.

- CATARINA - Mas se a senhora precisar de mim, pode me chamar sem o menor constran-
gimento.
- EUGENIA - Obrigada, Catarina. Penso que só mandarei chamá-la para o almoço.
- TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.
- ARABELA - Você sabe de uma coisa muito interessante? A secretária de seu pai te-
lefonou para mim, perguntando si eu sabia onde êle andava.
- RODRIGO - Como? Ele não tem aparecido no escritório?
- ARABELA - Diz ela que não.
- RODRIGO - Mas e no Hotel e na casa de minha madrastra, também não foi mais?
- ARABELA - Diz ela que telefonou para todos os lugares onde êle poderia estar e não
o encontrou em nenhum deles.
- RODRIGO - É estranho isto. Por isso que Leila e eu estamos gosando uns dias bons,
sem telefonemas anônimos, sem chamados da polícia para depoimentos absur-
dos e sem cartas com ameaças de vingança e até de morte.
- ARABELA - Parece até mentira que um homem inteligente, como seu pai, fique reduzi-
do a isto! Sabe que depois que rompi relações com êle, também começaram
as ameaças anônimas? Como si elas me assustassem. Ele até perde o seu
tempo, com essas bobagens.
- RODRIGO - É uma pena que papai não se convença de que necessita fazer um tratamen-
to para os nervos. Tudo passaria e nós voltaríamos a ser bons amigos,
como antes.
- ARABELA - Qual Rodrigo! Não alimente essa esperança. Seu pai deixou-se inundar pe-
la aspereza do ódio e só consegue sentir-se feliz quando pode deixar, na
carne de alguém, a marca desse ódio. A meu ver, não há mais solução pa-
ra o seu caso. Ele está irremediavelmente perdido!
- RODRIGO - Eu ainda faria fé no internamento numa casa apropriada e com um trata-
mento severo para tonificar os seus nervos.
- ARABELA - Bem... isso talvez melhorasse... não vou dizer que não... Mas qual a
prova concreta de sua loucura, para justificar uma medida assim violen-
ta? Tudo que faz é indiretamente, por intermédio de outros, fuge-nos,
portanto, o direito de acusá-lo. Dentro da sua loucura, êle tem agido
com muita inteligência, somos forçados a reconhecer.
- RODRIGO - E depois... com muito dinheiro... tem ainda a facilidade de comprar tu-
do. Até consciências.
- ARABELA - E esse próprio dinheiro, que tanto o ajuda, a nós ainda atrepalha mais,
porque logo alegarão que queremos interná-lo para nos apossar da virtu-
de dele.

RODRIGO - Exato. Esse tem sido o principal motivo que me tem impedido de tomar uma medida enérgica, cada vez que esse desejo me assalta. Eu sou muito escrupuloso nessa questão de dinheiro, a senhora sabe.

ARABELA - Si sei. E si hoje desfruto de uma situação cômoda, a vida, é ao seu escrúpulo que devo agradecer. Tudo que lhe deveria entregar, da parte de sua mãe, você se negou a receber.

RODRIGO - Não me faria falta e à senhora diminuiria muito as suas possibilidades financeiras. Mas não falemos de mim, falemos de papai. A senhora acha que eu deveria procurá-lo?

ARABELA - Acho que não, meu filho e principalmente porque tenho certeza de que ele está nos preparando qualquer emboscada. Amanhã ou depois aparece por aí, você vai ver.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA MUDANÇA DE CENA FUNDE COM RUIDO DE RUA MENOS INTENSO, EM HORAS JÁ MAIS TARDIAS DA NOITE.

1ª VOZ - Como é, tem aparecido lá pela zona?

VOZ - (A MESMA DO CAPÍTULO ANTERIOR - É O GUARDA NOTURNO) Não não tenho da do as cara por lá. Alguma novidade?

1ª VOZ - Outro dia encontrei umas cabrocha de lá, disse que a zona tá melhorando. Disse que já tem até pracinha.

VOZ - Qualqué dia de folga vô dá uma volta por lá. Dá uma paquerada.

1ª VOZ - Você terminou tudo com a Marlene? Muito fôsea, num era, não?

VOZ - Num dava pé. Mulé que faz marcação cerrado em cima do home, acaba perdendo êle.

1ª VOZ - Isso é fato. Home num gosta de mulé assim, não. (TOM) Ih, quasi uma hora da madrugada. Vô me embora que si eu perdê a ultima condução, vô tê que ficá zanzando pela rua até o dia clariá. Dinhero que é bom, num tenho pra pagá quarto. Tô duro que só vendo. Tchau.

VOZ - Tchau. Se falá com a turma lá, diz que eu mandei lembrança.

1ª VOZ - (AFASTANDO) Okei.

G/REGRA - PASSOS DE HOMEM SE AFASTANDO NA CALÇADA. SOMEM. APITO DE GUARDA NOTURNO EM 1º PLANO. RESPOSTA DE OUTRO GUARDA NOTURNO, AFASTADO.

VOZ - (monologando) Eu tô chismado com essa dona aí. Já é a terceira vez que ela procura passá por mim e num fala. Si tá querendo alguma coisa comigo por que num fala?

G/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM E PARAM EM 1º PLANO

CATARINA - Boa noite.

VOZ - Boa noite.

CATARINA - O senhor não está me reconhecendo?

VOZ - É... não tô, não. Quem é a senhora?

CATARINA - O senhor não se lembra que ante-ontem nós conversamos na porta do nº 136, daquela outra ruazinha ali, de madrugada? Que o senhor me disse que o dono da casa tinha saído com a criança para viajar?

VOZ - Ah, me lembro sim. Agora sei quem é a senhora.

CATARINA - Pois eu vim conversar com o senhor, ainda por causa daquele fato. Será que o senhor não se lembra a marca do carro que veio buscar os dois?

VOZ - Era um carro bonito, grande, mas a marca eu não reparei. Eu tomei nota foi do número.

CATARINA - (num salto de alegria interior) Melhor ainda. E o senhor me daria esse número? Me ajudaria tanto...

VOZ - Eu num sei si ainda tenho. Cismei com aquele movimento todo e resolvi tomá nota do número pelas dúvidas. Deixa vê uma coisa... (PROCURANDO) aqui num tá... aqui também não... Na carteira... não, mas na carteira eu me lembro que num botei...

CATARINA - Procure bem. Veja se encontra o número. Eu preciso dele. Sou capaz, até, de lhe dar um bom presente.

VOZ - Pois é, mas eu num tô achando o papel...

CATARINA - Será uma pena!

VOZ - Ah, espere aí que agora eu sei o que é. Eu tava com outra camisa e o papel deve tá lá em casa.

CATARINA - E será que o senhor me traz amanhã? Eu venho aqui por esta mesma hora.

VOZ - Eu vou vê. Se encontrá eu trago.

CATARINA - Não se esqueça que eu lhe darei um bom presente. Um bom presente!

VOZ - Obá!...

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA FORTE, PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

A MARCA DO ÓDIO

- Novela original de Érico Cramer -

272 CAPÍTULO

TÉCNICA & CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

VOZ - Eu num tô achando o papel com o número do automóvel.

CATARINA - Que pena!

VOZ - Ah, espere aí que agora eu sei o que é. Eu tava com outra camisa... o papel deve tá lá em casa.

CATARINA - E será que o senhor me traz amanhã? Eu venho aqui a esta mesma hora.

VOZ - Eu vou vê. Se encontrá, eu trago.

CATARINA - Não se esqueça que eu lhe darei um bom presente. Um bom presente!

VOZ - Oba! Vou fazê fôrça de encontrá.

CATARINA - Desde que horas o senhor está aqui, de noite?

VOZ - Pego às onze e vou até às sete da manhã.

CATARINA - Não faz mal que eu venha mais cedo, faz?

VOZ - Mas por que? Depois das onze, pode vir a hora que quizê.

CATARINA - Então eu virei às onze, mesmo, para não ficar tão tarde.

VOZ - A senhora trabalhava aí na casa?

CATARINA - Não, mas a criança é... (titubeando) a criança é minha neta e... meu filho é separado da senhora, entende? O senhor que embarcou com ela, é pai da minha nora.

VOZ - Já vi tudo. Um qué tirá a criança do outro, num é, não?

CATARINA - Bem... quer dizer... Enquanto o juiz não decidir a parada, a criança deve ficar com a mãe, que é quem sempre cuidou dela, está certo. Mas pegarem a criança e sumirem com ela o senhor acha que está direito?

VOZ - É, num tá, não. O pai também tem direito de vê o filho, que diabo é isso? Inda mais si êle foi legal na parte do sustento do garoto.

CATARINA - Ah, foi. Isso sempre foi, porque eu não deixava êle se descuidar.

VOZ - Pois então estamos entendidos, dona. Eu amanhã, quando chegá em casa, procuro o número do carro nobolso da camisa que eu tava. Si eu achá, de noite eu trago e a senhora passa aqui pra apanhá ele.

CATARINA - Está certo. Até amanhã então.

VOZ & Até amanhã, dona.

C/REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM, NA CALÇADA.

VOZ - É... eu não posso perdê a boca desse presente. Tenho que dá um geito de achá o papelsinho que ela qué.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENA.

LEILA - Você não tem estranhado a paz em que temos vivido, ultimamente? Até a polícia parece que resolver botar uma pedra em cima, no assunto do rapto de seu irmãosinho. Que estará acontecendo? Palavra de honra que eu estou admirada. Cada dois dias chegava um novidade... uma intimação... uma carta anônima... uma ameaça... Não sei, francamente, a que atribuir esse trêgon; palavra que não sei.

RODRIGO - Eu sei. Papai parece que está viajando, ou pelo menos não está m cidade.

LEILA - O que vem comprovar, então, que era êle que forçava aquele movimento todo em redor do fato.

RODRIGO - É evidente. Nunca tive dúvidas a esse respeito. Apenas nunca falei nada a você, porque, no fundo, eu tinha um constrangimento muito grande da situação... e também pelo respeito que lhe devia, apesar de tudo. Fosse como fosse, era meu pai... eu o amei sempre muito... e com tudo que êle me tem feito sofrer nestes últimos tempos, ainda assim eu guardava, no íntimo, uma infinita ternura por êle.

LEILA - Como você é bom, Rodrigo! Que coração magnífico é o seu! Ojha que você foi maltratado... espinhado... ferido... ultrajado e, com tudo isto, consegue manter intacto, por tanto tempo, um sentimento de carinho para quem o maltratou e o feriu.

RODRIGO - Não me parece que haja tão grande mérito nas minhas virtudes, desde que elas tenham nascido comigo. Da mesma maneira, acho que não devemos repudiar tanto os maus, se não conseguem ser bons, pois que a maldade também veio do berço com êles.

LEILA - Concorde em parte com você, porque acho que tanto a bondade se aprimora, como a maldade pode ser contida pelas lições que recebemos no trato com pessoas de alma nobre e coração generoso.

C/REGRA - PASSOS DE BELMIRA QUE SE APROXIMAM.

BELMIRA - (vindo falando de 2º plano) Vim trazer o cafésinho para o seu Rodrigo.

RODRIGO - E eu já havia reclamado que você estava demorando. Cheguei a pensar que se tivesse esquecido de mim.

BELMIRA - De jeito nenhum, seu ^{Rodrigo} ~~irmão~~. Então eu ia me esquecer do senhor? Seria até uma ingratidão. (PAUSA) Veja se está bom de assucar.

RODRIGO - Está ótimo, Belmira. Você sempre traz um cafésinho no ponto. ~~meu~~

BELMIRA - ~~Eu procuro fazer bem ao seu gosto, mas se consigo, não sei.~~

RODRIGO - Consegue, sim. Eu ainda não conheço um café mais bem feito do que o seu.

LEILA - (brincando) Pelo amor de Deus, Rodrigo, lembre-se que a alegria também mata e com esses elogios todos à Belmira você pode fazer explodir o coração dela. (RIEM OS TRES)

BELMIRA - Que mais uma chicrinha?

RODRIGO - Agora não, Belmira, obrigado. Mais tarde eu reclamo outra.

BELMIRA - Sim senhor. Quando quiser. Com licença.

C/REGRA - PASSOS DE BELMIRA QUE SE AFASTAM E SE PERDEM AO FUNDO.

RODRIGO - Coitada da Belmira! Ela não sabe o que fazer para me agradar.

LEILA - Mas também você se desmancha todo em elogios, ela fica que não cabe em si de faceira. Foi sempre muito sua amiga, sempre. Quanto se aborreceu comigo, por me ver perder a confiança em você!

RODRIGO - Assim como ela, é que eu desejava que você tivesse sido, porque, no fundo, eu me senti magoado, vendo que você já não tinha mais em mim a mesma confiança.

LEILA - Eu só digo a você, em resposta, o seguinte: meu amor conseguia resistir às investidas da intriga e da calúnia, porque era verdadeiramente amor. Si não fôsse... nós já estaríamos afastados, um do outro e definitivamente!

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DAS CENAS.

PETRONIO - Aqui estamos, desde ante-ontem à noite e, até agora, não sei de uma só providência que você tivesse tomado, para dar um destino a essa criança. Que está pretendendo, afinal? Eu preciso regressar. Tenho lá os meus negócios, não posso ficar por aqui indefinidamente.

L.HENRIQUE - Mas eu não poderia tomar nenhuma providência, sem estar informado das casas que seriam capazes de aceitá-la. Hoje a carcereira me disse que talvez eu consiga colocá-la no Asilo Santa Elizabeth, mas este fica retirado da cidade uns dois ou três quilômetros.

PETRONIO - Não tem importância. ~~Logo~~ Logo depois do almoço indagaremos bem onde é e vamos até lá. Eu fico no automóvel e você desce para falar com as freiras. Nem que tenha que pagar, pague, mas me dê fim a esse estorvo.

L.HENRIQUE - Muito bem. Se quiser ir agora mesmo também podemos ir. Chegaremos um pouco mais tarde para o almoço, mas por mim não tem nenhuma importância.

PETRONIO - Pois então prepare as coisas dele, enquanto eu vou até ao posto de gasolina mais próximo para encher o tanque.

L.HENRIQUE - Sim senhor.

C/REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. ABRE E FECHA PORTA EM 2º PLANO.

L.HENRIQUE - Pobre criança! Eu não sei como pode um pai repudiar-te, si eu, que apenas te conheci ontem e convivo contigo ha pouco mais de uma semana, já te quero bem e ficaria contigo, se tivesse meios e teu pai deixasse. Infelizmente êle já sentiu a minha ternura por ti e não desejando que sejas bem tratado, quer jogar-te em qualquer caso de caridade, entre outras crianças anônimas. Mas eu não te perderei de vista e um dia... um dia talvez ainda possa fazer alguma coisa por ti. Talvez, até, recolocar-te no teu verdadeiro lugar!

C/REGRA - PORTA QUE ABRE EM 2º PLANO.

L.HENRIQUE - O que?! Já está de volta? Conseguiu reabastecer o seu carro em tão pouco tempo?

PETRONIO - É que o porteiro me informou que a bomba de gasolina fica exatamente no caminho do Asilo Santa Elizabeth e eu resolvi ao contrário. Você junte tudo aí, desça e de lá da bomba nós já seguimos.

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA ENCIERPAR A 1ª PARTE DO CAPÍTULO.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MÚSICA PARA ABERTURA DA 2ª PARTE DO CAPÍTULO

CORÁLIA - Você sabe quem é que está na cidade e nos telefonou, Iracema?

IRACEMA - Como é que eu posso saber, Corália?

CORÁLIA - Não pode mesmo. Eu tive uma surpresa tão grande que você não calcula.

IRACEMA - Mas diga logo, criatura. Eu estou curiosa.

CORÁLIA - O tio Luiz Henrique.

IRACEMA - Não é possível! O tio Luiz Henrique? O irmão de mãe?

CORÁLIA - O irmão de Mãe, sim. E o mais importante você não sabe. É que êle veio para ficar. Vai residir em Diamantina.

IRACEMA - Não diga! E onde é que êle está? Eu gostaria tanto de vê-lo, abraçá-lo.

CORÁLIA - Disse que está num Hotel com o chefe dele que deve embarcar ainda hoje de volta para o Rio e que assim que o chefe embarque que êle ven imediatamente nos ver.

IRACEMA - Então, com certeza esta noite êle deve aparecer. Talvez devêssemos nos preparar para oferecer-lhe um chásinho; não lhe parece?

CORÁLIA - Pode ser. Por que não? Você poderia comprar um pouco de queijo... presunto... e talvez uns bolinhos ou uma cuca. Tem vermouth aí, si êle preferir uma coisa de alcool a gente oferece.

IRACEMA - Isto mesmo. Então agora eu vou ali na Confeitaria e já deixo tudo comprado ~~antes~~ ^{antes} do almoço. De tarde eu posso vir atrasada do serviço, já

IRACEMA - (CONTINUAÇÃO) tenho que tomar meu banho, mudar vestido, receio que depois não haja tempo para tudo.

CORALIA - Então vá logo, que eu já vou botar o almoço na mesa.

IRACEMA - O tio Luiz Henrique! A última lembrança que eu tenho dele foi fantasiado de arlequin, quando a mãe nos levou para passar um carnaval no Rio. Você se lembra.

CORALIA - Claro. Não faz tantos anos assim. Por sinal que ele quiz me levar àquele baile e mãe não deixou. Fiquei tão zangada que nem sei. Fomos para a Avenida esperar o desfile dos carros alegóricos.

IRACEMA - Bom tempo aquele! Comeram lindos os carnavais do Rio. E as batalhas de flores...serpentina e confetis? Não, fon-fon é que a gente via as fotografias e ficava com água na boca. Hoje está tudo muito mudado. Até a própria Avenida já não é mais a mesma.

CORALIA - Bem, Iracema, deixe-se de divagar e vá comprar de um vez o que você quer que eu já vou servir o almoço.

TECNICA - MUSICA PARA SEPARAÇÃO DE CENA. FUNDE COM MÚSICA RELIGIOSA EM ÓRGÃO & BG.

L.HENRIQUE - Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

I.CARIDADE - Para sempre louvado Seja.

L.HENRIQUE - É a Irmã Superiora?

I.CARIDADE - Sim. Com quem tenho a honra de falar?

L.HENRIQUE - Sou um forasteiro, recém chegado à cidade e que venho valer-me dos préstimos desta casa.

I.CARIDADE - Se nos for possível fazer alguma coisa pelo Senhor...

L.HENRIQUE - É o seguinte, Irmã: nós vínhamos em viagem para cá, a fim de visitar duas sobrinhas que moram em Diamantina, quando uma empregada, que eu trazia para elas, sentiu-se mal em viagem meio do caminho, obrigando-nos a interromper a jornada no primeiro lugarejo que encontramos. Conseguimos um médico para atendê-la, mas infelizmente, antes que tivéssemos tempo de removê-la para qualquer lugar, onde pudesse ser melhor atendida, entregou sua alma a Deus e ficou nos sem saber o que fazer do filho que deixou e que aqui está. Foi então que me ensinaram esta casa e eu corri a socorrer-me dela, porque confesso que não sei o que fazer da criança.

I.CARIDADE - Sinto muito decepcioná-lo, meu caro senhor, mas, infelizmente, não temos condições de receber crianças com menos de quatro anos. Esta que idade tem?

- L.HENRIQUE - Não tenho bem certeza, mas parece-me que um ano e pouco. Só o que sei é que é menino e se chama Luiz. Nem mesmo o sobrenome sei.
- I.CARIDADE - Pois é como eu lhe digo: não temos condições para receber uma criança tão pequena. Ela exigiria um tratamento todo especial que não poderíamos fazer.
- L.HENRIQUE - E si eu pagasse uma mensalidade? Eu poderia até pagar bem, se a senhora quizesse, porque o meu caso não é dinheiro, é livrar-me de um compromisso que o acaso largou nas minhas mãos, entende?
- I.CARIDADE - E o nosso caso também não é dinheiro, embora muitas vezes passemos grandes faltas, aqui, mas sim o fato de não termos uma só vaga, na casa e nem uma pessoa especializada na criação e nos cuidados que uma criança nessa idade está permanentemente a exigir.
- L.HENRIQUE - E a senhora não me faria ao menos um favor? O de permitir que esse menino ficasse aqui até amanhã de manhã, enquanto eu procurasse alguém que se prestasse a tomar conta dele? Acho que pagando bem, não teria maior dificuldade; não lhe parece?
- I.CARIDADE - É claro. Há muita gente boa espalhada por esse mundo de Deus. Pode ser, até, que a gente mesmo, por aqui, consiga alguém que seja capaz de cuidar e querer bem ao menino. Vem tanta gente aqui, para prestar serviços, ou trazer esmolas...
- L.HENRIQUE - Seria bom. Tanto mais que a senhora ~~já conhece~~ já conhece muita gente, ao passo que, para mim, são todos desconhecidos.
- I.CARIDADE - Quem sabe se o bom Deus ~~me~~ me permitirá dar-lhe essa boa notícia, amanhã, quando o senhor vier para buscá-lo?
- L.HENRIQUE - Seria ótimo! Então eu vou deixar o menino e amanhã, de manhã, o mais tardar às onze horas, virei aqui solucionar em definitivo esta questão. Aqui está o meu cartão, com o endereço do Hotel onde estou hospedado e uma pequena importância que a senhora vai me permitir oferecer ao Asylo, em pagamento da hospedagem que me dá ao pobre menino.
- L.CARIDADE - Não era absolutamente necessário, mas em todo caso, como não estamos em situação de recusar nenhuma ajuda, agradeço-lhe, de coração, o bondoso gesto.
- L.HENRIQUE - Eu é que lhe agradeço o elevado espírito de compreensão e a solidariedade humana, permitindo que o pobresinho ficasse aqui esta noite. Que o bom Deus a ilumine, sempre, permitindo-lhe dar amparo e carinho a todos que batem em sua porta.

I. CARIDADE - Que assim seja, meu senhor.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL, FUNDE COM RUÍDO DE AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO, A PRINCÍPIO FORTE E DEPOIS CAINDO EM B/G.

PETRONIO - (VOZ MAIS ALTA) Mas então ela acabou concordando que a criança ficasse lá internada?

L. HENRIQUE - Concordou, mas se visse a luta que fui obrigado a encetar... Só a promessa de uma boa mesada é que acabou por convencê-la.

PETRONIO - Quanto você combinou, afinal?

L. HENRIQUE - Sessenta mil cruzeiros que o senhor mandará em meu nome e eu levarei mensalmente lá, enviando-lhe o recibo pelo Correio.

PETRONIO - Muito bem. E quanto a você, trate de procurar, já amanhã, uma casa pequena e instale-se nela. Mande-me, depois, dizer, quanto vai me custar o aluguel e o que poderá gastar no seu sustento, para que eu possa ter uma ideia do que deverei mandar-lhe.

L. HENRIQUE - A despesa para o meu sustento é mínima. Talvez aí um mil cruzeiros por dia sejam suficientes. O aluguel da casa é que eu não tenho nenhuma ideia, mas chegando ao Hotel, creio que já poderei ter, pelo menos, ~~uma base.~~ uma base.

PETRONIO - E você explicou bem à Superiora que desejamos esquecer o menino?

L. HENRIQUE - Expliquei. Ela até me deu uma ideia que me pareceu muito boa.

PETRONIO - Qual foi?

L. HENRIQUE - A de pagarmos um pouco mais e mandarmos o menino para uma outra casa especializada que ela conhece e que fica perto de Goiás. Quer dizer: mais longe ainda de nós.

PETRONIO - E por que não aceitou logo? Si é justamente isto que eu desejo?

L. HENRIQUE - Porque achei que devia consultá-lo, antes. Afinal... o pouco mais não é tão pouco. É quasi o dobro do que vai custar no Asilo Santa Elizabeth. Si o senhor está disposto a dispendir essa importância...

PETRONIO - Você me promete que o deixará socegado, lá onde está e que não procurará envolver-se na vida dele?

L. HENRIQUE - Mas por que hei de envolver-me, se viverei muito melhor sem êle?

PETRONIO - E depois tem ainda uma coisa: si eu chegar a descobrir que você está me enganando, considero-me desligado de qualquer compromisso de mantê-lo e você que se arranje sózinho. Valeu?

~~PETRONIO~~ L. HENRIQUE - É claro. Mas pode ficar descansado que eu não irei prejudicar a minha vida por causa da vida de um garoto que não representa nada para mim.

PETRONIO - Seria uma rematada loucura, mas como você andou se enchendo de ternuras pelo garoto...

L.HENRIQUE - Aquilo foi uma coisa passageira. Emoção de um momento em que o coração estava inclinado a pieguices. Felizmente essas coisas, em mim, não têm, nunca, mais que a duração de um momento.

TÉCNICA - SOBE O RUIDO DE AUTOMÓVEL EM FUNDO E COBREJO, A SEGUIR, COM UMA CORTINA MUSICAL FORTE E AGITADA.

CORÁLIA - Quando eu abri a porta, logo o reconheci. O senhor mudou muito pouco, tio. Parece aquele mesmo do carnaval de vinte anos passados.

L.HENRIQUE - Que bom a gente ouvir isto, quando todos que se referem à gente chamam -nos de velhos!

IRACEMA - Eu não pude trabalhar direito esta tarde. Estava ansiosa para voltar à casa e receber a sua anunciada visita. Seu chefe já foi?

L.HENRIQUE - Felizmente, do contrário eu não poderia estar aqui com vocês, agora. Ele me ocupa todos os meus momentos.

CORÁLIA - E o senhor vai demorar alguns dias entre nós?

L.HENRIQUE - Alguns, não; vou demorar muitos porque pretendo fixar residência aqui.

IRACEMA - (CONTENTE) Não diga, tio!

CORÁLIA - (IDEM, QUASI JUNTA COM IRACEMA) Que coisa boa, meu tio! E onde é que vai morar?

L.HENRIQUE - Por enquanto fico no Hotel até alugar uma casinha que seja razoável e esteja localizada num ponto bom.

IRACEMA - E por que não fica morando com a gente? Prefere morar sózinho?

CORÁLIA - É mesmo, tio. Temos um quarto grande onde o senhor poderia arrumar dormitório e gabinete. Quer ver?

L.HENRIQUE - Não, não, esperem. Eu acho que devo alugar casa pelo seguinte: tenho comigo uma criança que me foi entregue pela mãe na hora da morte e que está apenas com um ano e pouco de idade. Como é que eu poderia perturbar a paz e o sossego de vocês, trazendo essa criança para cá? Não me parece justo. Assim, alugarei uma pessoa para cuidar dela e poderei sair descansado para o meu trabalho.

CORÁLIA - E o senhor não acha que poderia sair muito mais descansado se o menino ficasse entregue a uma de nós, em vez de uma empregada?

L.HENRIQUE - Mas não se dá sente! A questão é que, como já disse, iria perturbar completamente a vida de vocês.

IRACEMA - Poderia perturbar, não vou dizer que não, mas eu tenho certeza de que ficaria encantada.

CORÁLIA - Eu também. Toda vida tive paixão por crianças. É menino ou menina?

IRACEMA - É menino, Corália, o tio já disse.

CORÁLIA - Melhor, ainda. A minha paixão são justamente os garotinhos.

L.HENRIQUE - E ele é mansinho, não chora, não incomoda... só acho que está fraquinho e precisaríamos levá-lo a um médico. Existe algum médico de crianças, por aqui, que seja bom?

IRACEMA - Um só, não. Temos dois ou três. O senhor, também, não faça tão pouco de nossa terra. Pode ser uma cidadezinha pequena, mas tem de tudo quanto se quer e se precisa.

L.HENRIQUE - Pois então amanhã eu gostaria que uma de vocês o levasse a uma consulta. Pode ser?

CORÁLIA - Eu levo, titio. Iracema tem o seu trabalho, já não lhe é tão fácil. Ele ficou no Hotel?

L.HENRIQUE - Ficou. Uma camareira se prontificou a cuidá-lo esta noite.

IRACEMA - Quem sabe quer ir buscá-lo? A gente podia improvisar uma cama exatamente nesse sofá onde o senhor está sentado.

L.HENRIQUE - Não, não, obrigado. Eu já disse a vocês que não desejo dar nenhum trabalho.

CORÁLIA - Mas não é trabalho, titio, acredite. É um prazer e prazer bem grande.

IRACEMA - É, tio, venha ficar conosco e traga o menino.

CORÁLIA - Traga, tio. Nós lhe pedimos, de coração.

L.HENRIQUE - Bem... eu vou fazer uma proposta a vocês: pensem mais esta noite.

E se amanhã ainda estiverem com a mesma disposição e o mesmo entusiasmo, eu prometo a vocês que virei e trarei comigo o garoto.

TÉCNICA - EXPLOSTÃO DE ALEGRIA, FUNDE COM MÚSICA PARA ENCERRAR O CAPÍTULO.

CORÁLIA - Ora, tio, como é que poderemos culpá-lo, si somos nós que estamos insis-
tindo?!

IRACEMA - O senhor vai buscá-lo agora, no Hotel, vai?

L.HENRIQUE - Não, não, agora não. Ele já deve estar dormindo e não convem tirá-
lo do quentinho da cama, mesmo que o traga de carro. Amanhã, entre onze
horas e meio dia, eu virei trazê-lo.

IRACEMA - Onze horas, não tio. Eu trabalho e quero estar aqui quando êle chegar.
Venha um pouquinho depois das onze e meia.

L.HENRIQUE - Pode ser.

CORÁLIA - O senhor já admoça conosco.

L.HENRIQUE - Está muito bem, mas depois nós vamos combinar as condições em que fi-
caremos aqui, porque sei que vocês vivem com economia e não é justo que
venha explorá-las.

CORÁLIA - Isso é secundário, tio. Depois se acerta. Acho que nós é que ainda deve-
riamos pagar, pela alegria que vamos ter.

IRACEMA - É mesmo, Corália tem razão. Agora, sim, é que a nossa casa vai ser ver-
dadeiramente um lar!

TÉCNICA - CORTINA MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DA CENA.

EUGENIA - Eu estava aflitissima que Tereza saísse para a Igreja, afim de poder fa-
lar contigo. Fôste lá? Quais as novidades a respeito de meu filho?

CATARINA - A senhora vai ficar estupefacta, quando souber quem tirou o menino do
esconderijo onde êle se encontrava.

EUGENIA - Quem foi, Catarina? Diz.

CATARINA - Nada mais, nada menos que o seu próprio marido.

TÉCNICA - VERGASTADA MUSICAL FORTE

EUGENIA - (susto) Petrônio?!... Mas então isso vem confirmar as minhas suspeitas
de que foi êle o raptor do menino.

CATARINA - Eu sempre procurei dar a entender exatamente isto, mas a minha suspeita
não encontrava êco em mais ninguém, eu achei melhor olhar porque a senh-
ra sabe como são as coisas: a corda sempre ~~me~~ rebenta no lado mais fr-
co. Bastava que eu não pudesse provar o que dizia, para que êle se pu-
zesse na cadeia. E depois? Quem ia se interessar de me tirar de lá?
Achei melhor ficar quieta, até mesmo quando fui acusada.

EUGENIA - Esse pecado de haver desconfiado de você eu não tive, Catarina, porque
para dizer a verdade, ~~eu~~ nunca desconfiei. Mas como ~~eu~~ você soube
que foi Petrônio quem o tirou do esconderijo onde ^{ele} se encontrava?

CATARINA - Por um companheiro lá da tenda, que é guarda noturno na zona onde ele estava. Ele desconfiou do movimento da casa, naquela hora da madrugada, e, por acaso, ou por obra do pai maior, resolveu tomar nota do número do automóvel que levou o menino. Quando ficou sabendo que o menino deveria ser entregue a mim e desaparecera, revelou o número, na esperança de poder ajudar em alguma coisa.

EUGENIA - É com todo esse testemunho, nós não poderíamos apresentar queixa dele, na polícia?

CATARINA - Foi o que eu perguntei ao Pai de Santo, mas ele me disse que não convinha. Que precisávamos de astúcia e tacto porque, vendo-se perdido, o criminoso, por vingança, poderia sacrificar a vida do inocente.

EUGENIA - Ah, bem, isso é verdade. No estado em que está, Petrônio será capaz de tudo. É melhor, mesmo, agir com calma e inteligência.

CATARINA - Nós precisaríamos, agora, descobrir para onde ele viajou. E essa informação talvez só a secretária dele pudesse nos fornecer. A senhora se anima a perguntar a ela?

EUGENIA - Claro, por que não?! Pelo meu filho, eu farei qualquer coisa. Convirá dizer a ela a verdade?

CATARINA - Não sei. Eu não a conheço, para poder imaginar o que seria melhor dizer-lhe. Si é uma pessoa de coração sensível, talvez nos seja possível comovê-la.

EUGENIA - Cláudia me parece uma boa moça. Pelo menos... foi essa a impressão que ela sempre me deu.

CATARINA - Pois é, mas quem vê cara... não vê coração e pelo sim, pelo não, acho preferível alegar qualquer outro motivo, para justificar o pedido de informações. A senhora sabe, de cabeça, o número do escritório?

EUGENIA - Sei. Deixe que eu mesma faço a ligação.

C/REGRA - LEVANTAR FONE DO GANCHO E DISCAR SEIS NÚMEROS.

TÉCNICA - CHAMADAS DO OUTRO LADO DA LINHA E LEVANTAR O FONE TAMBÉM NA OUTRA EXTREMIDADE.

CLAUDIA - (FILTRO) Alô! Pronta.

EUGENIA - É do escritório do seu Petrônio Larré?

CLAUDIA - (FILTRO) Sim senhora. Quem fala aí?

EUGENIA - Aqui é Eugênia, a esposa dele. É Cláudia quem está falando aí?

CLAUDIA - (FILTRO) Eu, dona Eugênia. Como está a senhora?

EUGENIA - Muito preocupada com a ausência de Petrônio. Faz dias que não me aparece

Você não sabe onde ele anda, Cláudia?

CLAUDIA - Só sei que está viajando, porque, na véspera, ele falou, dessa viagem, aqui no escritório, mas não chegou a dizer para onde ia, de formas que eu não lhe posso dar mais nenhuma informação.

EUGENIA - Eu tinha absoluta necessidade de saber onde ele anda, porque ao menos, assim, estaria mais calma.

CLAUDIA - (FILTRO) Eu também gostaria muito de poder acalmá-lo, mas infelizmente não estou capacitada a isto. A senhora sabe que eu telefonei a diversos amigos dele e nem um soube me dar a menor informação? Mas a impressão que eu tenho é de que o mais tardar esta noite, ou amanhã de manhã, ele deve aparecer ~~XXXXXXXXXXXX~~ por aí, porque nós vamos precisar da presença dele para ultimar um negócio de vulto e ele não pode estar esquecido disto.

EUGENIA - Então eu vou lhe pedir dois favores: o primeiro de dar um jeito de me avisar da chegada dele, sem que ele perceba e o segundo de ver se descobre onde ele andou, sem perguntar diretamente, para não irritá-lo.

CLAUDIA - (FILTRO) Sim senhora, dona Eugênia, a senhora pode ficar descansada que eu farei isto para a senhora.

EUGENIA - E eu lhe agradecerei imensamente, Claudia.

CLAUDIA - Óra por favor, dona Eugênia! Não há o que agradecer.

EUGENIA - Adeusinho, então e obrigada, minha querida.

C/REGRA - DESLIGA TELEFONE EM PRIMEIRO PLANO.

EUGENIA - Pronto. Ela mostrou a melhor boa vontade em servir-me.

CATARINA - E será que ela vai fazer, realmente?

EUGENIA - Acredito que sim. Nem tem motivos para o contrário. Claudia foi sempre muito bem tratada por mim e me aprecia.

CATARINA - Pois então vamos esperar. De momento, é só o que nos resta fazer.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL PARA SEPARAÇÃO DE CENAS.

ARABELA - Mas afinal de contas, até agora, o senhor não me disse, ainda, o motivo porque veio à minha casa. (Irônica) Será, apenas, uma visita de cortezia. Pelo que ouço dizer, nem tão cortezes, assim, são os senhores da polícia.

DELEGADO - Não, minha senhora, eu não vim visitá-la, mesmo porque o meu tempo não me permite essas veleidades, mas colher, numa palestra cordial, como a que estamos mantendo, as informações que necessito sobre o seu neto.

ARABELA - (QUEIMADA, ESPIGANDO-SE) Meu neto é um rapaz perfeitamente normal, estudante universitário que se tem destacado pelo seu amor ao estudo, pessoa que se recomenda sob qualquer título, porque apesar de não ter atingido, ainda, a maturidade, tem o senso e o equilíbrio de qualquer *homem que*

ARABELA - (CONTINUAÇÃO) se destaque por essas qualidades. É um rapaz correto, digno, humano, incapaz de fazer mal a quem quer que seja, justiceiro e bom. Está sempre pronto a servir a quem dele vier se socorrer e a sorrir, com mansuetude, para aqueles que procurem feri-lo, sem esboçar contra eles um gesto de vingança. Abomina a maldade, a infâmia, a intriga e o ódio e em seu coração de elite só existe lugar para o perdão, para a ternura... para o amor!

DELEGADO - Eu gostaria que a senhora me dissesse...

ARABELA - (CORTA, SEM OUVI-LO, COM A MESMA FORÇA E TOM ANTERIORES) O senhor deveria buscar informações era de meu genro, que, ao contrário do filho, tem se revelado um verdadeiro vilão de novela. Um homem que, de repente, deixou-se invadir por um sentimento de ciúme absurdo, de uma mulher simples e boa e de um filho nobre e resignado e, em consequência dessa fraqueza, que só se pode atribuir à demência, tem feito sofrer toda a família, praticando maldades e deixando, em cada uma de suas vítimas, a marca do ódio implacável que abriga no seu coração disforme e empedernido! A qual dos dois pode-se, de preferência, atribuir o rapto do garoto?

TÉCNICA - EPÍLOGO MUSICAL, PAZ SEPARAÇÃO DE CENA.

LOCUTOR - MENSAGEM COMERCIAL

TÉCNICA - MUSICA DE ABERTURA DA 2ª PARTE.

ARABELA - A qual dos dois pode-se, de preferência, atribuir o rapto do garoto?

DELEGADO - Parece-lhe que ao próprio pai?

ARABELA - De um pai normal, é claro que jamais se poderia suspeitar, mas de um demente, é lícito que se acredite. Tanto mais que o rapto foi praticado por alguém que tinha chave da porta. Esse alguém, ao que se saiba, é ele. O filho não tinha. Nunca teve, ou melhor, nunca quis ter porque, sendo sua madrasta uma mulher relativamente moça, ele achava mais correto, de sua parte, bater e fazer-se anunciar. E foi assim que procedeu, sempre. Podem atestar isto as empregadas da casa, se quiserem ser justas, ou se ainda não foram compradas "como muita gente boa".

DELEGADO - (meio queimado) Eu gostaria de saber quem é essa "muita gente boa" a que a senhora se refere.

ARABELA - Sei lá. Só sei que assim como os senhores se acham no direito de desconfiar de meu neto, eu tenho também o direito de desconfiar daqueles que insistem em não querer ver a verdade. Eu não disse diretamente a

ARABELA - (CONTINUAÇÃO) ninguém, mas aqueles em quem a carapuça couber que a enfiem. Infelizmente, o senhor sabe melhor do que eu, que aqueles que possuem muito dinheiro, como o meu genro, habitam-se a comprar tudo que querem e desgraçadamente, os que não têm dinheiro e desejam possuí-lo, vendem até a própria consciência.

DELEGADO - (queimado) Nem todos, minha senhora, nem todos.

ARABELA - Claro que nem todos e é por isso que lutamos para provar a nossa inocência, como no caso de meu neto, na esperança de encontrar alguém correto e digno que faça valer o direito e a justiça. Se fossem todos... nem a luta poderia adiantar. Não pagaria a pena nem de iniciá-la.

DELEGADO - Bem, minha senhora, vejo que a irritei sensivelmente e não era esta a intenção que me trazia a esta casa. Em todo caso, excetuando o mal que a sua irritação possa causar-lhe, dou por bem empregada a minha vinda, porque colhi dados muito interessantes para o prosseguimento do processo.

ARABELA - Só o que espero de desejo é que nos deixem em paz. A mim e ao meu neto. Nada temos com o rapto e desejamos, de coração, que o garoto apareça.

TÉCNICA - PASSAGEM MUSICAL

L. HENRIQUE - Eu resolvi o seguinte: vocês vão ficar uma semana com o menino e eu também ficarei, por esse tempo, hospedado com vocês para uma experiência. Se vocês acharem que a alegria da nossa presença compensou o aumento de trabalho que vocês irão ter, nós ficaremos definitivamente. Em caso contrário eu espero que vocês usem de máxima franqueza e me digam.

CORALIA - Se o senhor soubesse que dia alegre e feliz foi, para mim, o dia de hoje! Fiz mandeiras... lavei fraldas... cantei cantigas esquecidas para que Luizinho adormecesse... mas no fundo do meu coração havia uma sensação tão grande de alegria e bem estar que hoje eu compreendo que a mulher só se realiza, totalmente, depois de chegar a ser mãe. Era aquele bem estar que a gente sente quando consegue pagar uma dívida antiga, que vem de longe nos incomodando, como se fosse uma pedrinha dentro do sapato a correr do bico do pé para o calcanhar e vice versa. Eu estava feliz, satisfeita comigo mesma porque me parecia que, afinal, a minha vida começava a ter uma verdadeira finalidade.

IRACEMA - E eu também, tio. Trabalhei tão feliz... tão satisfeita... pensava que chegando em casa encontraria um motivo mais real e mais justo para continuar a minha vida. Vinha tão alegre... tão alvoroçada... que passei num bazar e comprei este chocalho para trazer ao garotinho.

O NEGRO - RUÍDO DE CHOCALHO DE CRIANÇA.

L.HENRIQUE - O que estou vendo é que vocês vão me perder essa criança de mimos.

CORÁLIA - Não. Prometo ao senhor que a tratarei muito bem mas que saberei educá-la.

L.HENRIQUE - É preciso. Tanto mais que não sabemos a vida que o espera amanhã.

IRACEMA - Tio, o senhor disse que a mãe dele, ao morrer, o poz em seus braços?

L.HENRIQUE - Exatamente. Chamou-me especialmente para entregá-lo.

IRACEMA - E era pessoa de família sua conhecida? Gente boa?

L.HENRIQUE - Sim. Gente que teve posição, educação e trato, mas que por azares da sorte, acabou na miséria e a coitada foi obrigada a trabalhar para se manter. O marido saiu para uma caçada em Mato Grosso e nunca mais regressou e nem se conseguia saber notícias dele.

CORÁLIA - Que horror, coitada!

L.HENRIQUE - A sogra, que não fizera grande gosto no casamento, começou a acusar a nora por não ter evitado que o marido fosse. Rompeu com ela e abandonou-a aos azares da sorte.

IRACEMA - Que coragem!

L.HENRIQUE - Eu ajudava um pouco, pois que na ocasião ainda não havia arrumado o emprego que tenho agora e os meus recursos eram muito limitados. Quando ela se sentiu doente, pediu para deixar o menino comigo para ir a um hospital de indigentes, tratar-se. Eu não podia fazer outra coisa, si não aceitá-lo. Dias depois, ela me mandou chamar, pediu-me para levar-lhe o filho para a despedida e, nessa ocasião, confiou-me o garoto. Minha ideia era pagar uma mensalidade numa casa adequada e deixá-lo por lá, até que tivessem passado as dificuldades todas dessa primeira idade, mas a única casa que existe aqui recusou-o, alegando, justamente, que não tinha condições para receber uma criança tão pequena. Deixei-a lá ~~esta~~ ^{hoje fui buscá-la e} hoje, por deferência da Madre Superiora ~~e~~ trouxe-a para cá.

CORÁLIA - Mas o seu or nos disse que a criança havia ficado no Hotel com a camaróia.

L.HENRIQUE - Disse-lhes, para não afligi-las. Si eu dissesse que ela havia ficado no Asilo, que aconteceria?

IRACEMA - Nós tomaríamos um carro e iríamos na mesma hora buscá-lo.

L.HENRIQUE - Foi o que calculei. Então, para não aborrecê-las, nem incomodar as freiras que àquela hora já deveriam estar acomodadas, resolvi mentir-lhes.

CORÁLIA - Fez mal. Desculpe, mas fez. O senhor, tendo duas sobrinhas aqui, devia saber que contaria com elas.

L.HENRIQUE - Não podia saber. Estava longe de imaginar que minhas sobrinhas fôsem

L. HENRIQUE - (CONTINUAÇÃO) os anjos que são. Tanto mais que não tinham nenhuma obrigação comigo que vivia a minha vida lá no Rio, completamente esquecido delas e das suas necessidades. Mas vocês sabem como é... o homem é um bicho muito egoísta e só quando ele começa a sentir o peso do tempo, como uma cruz em seus ombros, é que ele então reconsidera, ainda por esse egoísmo e por ~~vergonha~~ ~~medo~~ medoa solidão corre a buscar o último parente que lhe resta.

IRACEMA - Mas o senhor não nos abandonou. Quando perdemos mãe, o senhor nos es creveu e nos ofereceu a sua casa. Disse que ela era pequena, pouco con fortável, que o senhor não ganhava o bastante para nos sustentar, que ambas já deveríamos ir com a ideia de trabalhar, mas que o pouco que podia dispôr estava às nossas ordens. Portanto... nós não fomos por que não quisemos.

L. HENRIQUE - Não, não... você é muito delicada, Iracema. Vocês não foram porque sentiram que a minha carta era o cumprimento de uma obrigação e as restrições que traziam refletiam o fundo do pensamento de um rapaz solteiro que desejava continuar a divertir-se sem ter compromissos mais sérios a cumprir. Hoje vejo que fiz mal e me arrependo sincera-mente. E é por isto que quero dar a vocês a chance de se desvencilharem de mim, se as modificações que venho introduzir nesta casa, chegarem a aborrecê-las, ou contrariá-las.

CORÁLIA - Não pense nisto, tio. Pode ficar certo, desde já, que a alegria e o prazer que nos vai dar compensarão todos os trabalhos e preocupações que por acaso possam surgir por sua causa.

L. HENRIQUE - Obrigado, Corália. Sua mãe era assim. Magnânima e compreensiva. E agora, ou melhor, depois de bem resolvida a nossa permanência nesta casa, eu terei que fazer a vocês várias recomendações sobre o menino. É por causa da avó paterna, entendem? Ela é rica... poderosa... capaz de pretender roubar-nos a criança e precisamos ter muito cuidado com ela.

IRACEMA - Mas ela sabe que o menino está aqui?

L. HENRIQUE - Não sabe nem que eu estou, mas de qualquer forma precisamos nos cuidar muito com ela. Ela é perigosa! Muito perigosa!

TÉCNICA - ENTRA CORTINA MUSICAL FORTE PARA SEPARAÇÃO DA CENA.

PIETRONIO - Alguma novidade na minha ausência, senhorita Cláudia?

CLAUDIA - Importante, não, mas muitas pessoas telefonaram perguntando pelo senhor. Perguntavam-me onde estava mas eu não podia dizer. *Não sabia.*

- PETRONIO - Fui obrigado a abreviar a partida e não houve tempo nem para avisar em casa. Pensei que pudesse regressar ontem, mas houve uma série de contratempos com o carro e acabei pernoitando no caminho.
- CLAUDIA - Eu vi o carro aí na frente, quando cheguei. Ele está um pouco judiado, efetivamente. Muito sujo, principalmente.
- PETRONIO - Chovia muito e houve trechos em que o deslocamento de terras nos obrigou a passar em cima do barro. Isso marca muito o veículo.
- CLAUDIA - Desculpe a curiosidade, ~~perdoe~~ seu Petrónio, mas o senhor foi muito longe?
- PETRONIO - Com as estradas de hoje, as distâncias não são tão longas. A gente consegue vencê-las em poucas horas, principalmente quando se é bom volante e se sente a volúpia da velocidade, como eu. Aliás, eu fui assim desde rapazote. Meu pai e minha mãe bastante se aborreciam as corridas que eu costumava fazer. Volta e meia estava multado por excesso de velocidade. (TOM) Mas então quer dizer que não houve nenhuma novidade maior, na minha ausência?
- CLAUDIA - Não senhor, não houve. Apenas eu me assustei ao senhor passar três dias sem aparecer aqui e sem telefonar e comecei a procurá-lo.
- TECNICA - VERGASTADA MUSICAL REPLETINDO SUSITO.
- PETRONIO - Começou a procurar-me? Onde? Onde?
- CLAUDIA - Bem... telefonei ao hotel, o senhor não estava. Telefonei ao club de xadrez, o senhor também não havia aparecido. Telefonei aos seus amigos mais íntimos, com quem o senhor costuma se reunir à noite e nenhum deles sabia do senhor. Tinha havido aquela história daquele homem desesperado para encontrá-lo. O homem não dizia quem era... o senhor compreende... eu fui ficando aflita, fui ficando nervosa e fui sentindo a necessidade de saber onde o senhor estava.
- PETRONIO - (PREOCUPADO) Diga-me uma coisa que, no momento, é só o que me interessa saber: da minha casa telefonaram me procurando?
- TECNICA - EXPLOÇÃO MUSICAL, FUNDE COM CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.
-